

Nora Roberts
A ESCREVER COMO
ROBB
Lealdade Mortal

Tradução de Georgina Torres

A presente obra respeita as regras do Novo Acordo Ortográfico.





*Para Vanessa Darby
porque quero muito ir para o Céu*



*Como moscas para rapazes lascivos, assim somos nós
para os deuses;
Matam-nos por divertimento.*
— SHAKESPEARE

*A política, tal como a palavra é normalmente entendi-
da, é sinónimo de corrupção.*
— JONATHAN SWIFT



Caro Camarada,
Nós somos Cassandra.
Já começou.

Tudo aquilo por que trabalhamos, por que nos treinamos, por que fizemos tantos sacrifícios, foi aplicado. Uma alvorada após tão extenso crepúsculo. Os objetivos estabelecidos há mais de trinta anos serão alcançados. As promessas feitas serão cumpridas. E o sangue do mártir outrora derramado será finalmente vingado.

Sabemos que está preocupado. Sabemos que está cauteloso. É isto que faz de si um general sábio. Pode estar certo que seguimos os seus conselhos e avisos à letra. Não violamos a suspensão desta guerra honrada e amargurada com uma batalha que pretendemos perder. Estamos bem equipados, a nossa causa bem financiada, e todos os passos e opções foram considerados.

Enviamos-lhe esta transmissão, caro amigo e Camarada, enquanto nos preparamos alegremente para continuar a nossa missão. As primeiras gotas de sangue já foram derramadas e nós regozijamo-nos. As circunstâncias colocaram-nos no caminho um adversário que o General consideraria de peso. Anexamos a esta transmissão um dossier sobre a Tenente Eve Dallas, do dito Departamento de Polícia e Segurança da Cidade de Nova Iorque para que se possa familiarizar com esta adversária.

Por intermédio da derrota desta inimiga, a nossa vitória será mais saborosa. Afinal de contas, ela é outro símbolo do sistema corrupto e opressivo que destruiremos.

Foi o seu sábio conselho que nos levou até este lugar. Vivemos entre os peões patéticos de uma sociedade fraca, usando falsos sorrisos enquanto troçamos da sua cidade e do seu sistema repressivo e decadente. Para esta gente cega nós tornámo-nos iguais a eles. Ninguém nos coloca em causa quando nos deslocamos nestas ruas imorais e imundas. Somos invisíveis, uma sombra entre sombras, como você, e aquele que ambos adorávamos, nos ensinaram que deve ser um soldado astuto.

E quando tivermos destruído, um por um, os símbolos desta sociedade sobrealimentada, demonstrando o nosso poder e o nosso plano lúcido para o novo reino, estes estremecerão. Ver-nos-ão e lembrar-se-ão dele. O primeiro

*símbolo da nossa vitória gloriosa será um monumento erigido em sua honra.
À sua imagem.*

Nós somos leais e a nossa memória é grande.

Amanhã ouviremos o primeiro troar da batalha.

Fale de nós a todos os patriotas, a todos os leais.

Nós somos Cassandra.

Nessa noite específica morreu um pedinte, sem que ninguém desse conta, sob um banco em Greenpeace Park. Um professor de história jazeu ensanguentado, degolado, a cerca de um metro da porta de sua casa, morto pelos doze créditos que trazia no bolso. Uma mulher soltou um último grito engasgado, esmagada sob os punhos do seu amante.

E ainda insatisfeita, a morte desenhou círculos com o seu dedo osudo e depois espetou-o alegremente entre os olhos de um tal J. Clarence Branson, o co-presidente de cinquenta anos da Branson Tools & Toys.

Fora rico, solteiro e bem sucedido, um homem bem-humorado com motivo para tal, pois era co-proprietário de uma grande empresa interplanetária. O segundo filho e a terceira geração da família Branson a facultar ao mundo, e seus satélites, ferramentas e diversões, vivera em grande.

E morrerá da mesma forma.

O coração de J. Clarence fora furado com um dos seus berbequins portáteis de multipotência pela sua amante de olhar gélido que o pregara à parede, comunicara o incidente à Polícia e depois, calmamente, se sentou a beber clarete até os primeiros agentes chegarem ao local.

Esta continuou a beber, bem aconchegada num cadeirão de costas altas em frente a uma lareira gerada por computador, enquanto a Tenente Eve Dallas examinava o corpo.

— Está mortinho da silva, — disse friamente a Eve. Ela chamava-se Lisbeth Cooke e ganhava a vida como executiva de publicidade na empresa do seu falecido amante. Tinha quarenta anos, era elegantemente atraente e uma excelente profissional. — O Branson 8000 é um ótimo produto, concebido para agradar ao profissional e ao curioso. É muito potente e preciso.

— Uh-huh. — Eve examinou a cara da vítima. Bem tratada e bonita, apesar da morte lhe ter desenhado um olhar de surpresa perplexa e amargurada na cara. O sangue ensopava o peito do seu roupão de veludo azul e formava uma poça lustrosa no chão. — Neste caso serviu perfeitamente. Lê os direitos à Sra. Cooke, Peabody.

Enquanto a sua auxiliar tratava do assunto, Eve verificou a hora e causa da morte para ficar registado. Apesar da confissão voluntária, a investigação seguiria os trâmites habituais. A arma seria levada como prova, o corpo seria recolhido e autopsiado, e o local do crime seria isolado.

Gesticulando para que a equipa de criminologistas avançasse, Eve

atravessou a carpete de tom vermelho real, sentou-se em frente a Lisbeth, à frente da fogueira que crepitava e emitia calor e luz exuberantes. Durante um instante não disse nada, esperando durante alguns momentos para ver a reação que obteria da morena elegante, com sangue fresco salpicado de modo garrido no seu fato-macaco de seda amarelo.

A única coisa que recebeu foi um olhar educadamente inquisitivo. — Pois bem... quer contar-me o que se passou?

— Ele andava a trair-me —, disse Lisbeth sem qualquer emoção. — Matei-o.

Eve estudou os olhos verdes firmes e viu raiva, mas nada de choque ou remorsos. — Discutiram?

— Trocámos algumas palavras mais acesas. — Lisbeth levou o clarete aos lábios grossos, pintados do mesmo tom opulento do vinho. — A maior parte delas vindas de mim. O J.C. era fraco de cabeça. — Ela encolheu os braços e a seda sussurrou. — Eu aceitava isso, até achava enternecedor de certa forma. Mas nós tínhamos um acordo. Dei-lhe três anos da minha vida.

Agora ela estava inclinada para a frente, com os olhos a faiscar de raiva por detrás da frieza. — Três anos em que eu podia ter seguido outros interesses, outros acordos, outras relações. Mas eu fui-lhe fiel. Ele não.

Ela inspirou e voltou a recostar-se, quase sorrindo. — E agora está morto.

— Sim, essa parte já percebemos. — Eve ouviu o barulho incomodativo da equipa a tentar tirar a longa broca de aço da carne e osso. — Trouxe o berbequim consigo, Sra. Cooke, com a intenção de usá-lo como arma?

— Não, é do J.C. Ele volta e meia arranja umas coisas. Deve ter andado a arranjar alguma coisa —, pensou ela, olhando casualmente para o corpo que a equipa de criminologistas retirava agora da parede num ballet hediondo de movimentos. — Vi-o em cima da mesa e achei que era perfeito, não? Por isso, peguei nele e liguei-o. E usei-o.

Mais simples não podia ser, pensou Eve, e levantou-se. — Sra. Cooke, estes agentes vão levá-la para a Central de Polícia. Lá far-lhe-ei mais perguntas.

Obsequiosamente, Lisbeth tragou o resto do clarete e depois colocou o copo de lado. — Vou só buscar o meu casaco.

Peabody abanou a cabeça quando Lisbeth vestiu um casaco comprido preto, de marta, sobre as suas sedas ensanguentadas e saiu escoltada por dois agentes com toda a fanfarronice de uma mulher que sai para o seu próximo compromisso social.

— Caramba, há gente para tudo. Espetou um berbequim no homem e depois entrega-nos o caso de bandeja.

Eve vestiu o seu blusão de cabedal e pegou no seu conjunto de campo. Teve o cuidado de usar solvente para limpar o sangue e Selante das mãos. Os criminologistas terminariam o trabalho e isolariam o local do crime. — Nunca vou conseguir que ela apanhe homicídio qualificado. Foi isso que aconteceu, mas de certeza que vai passar para homicídio involuntário no espaço de quarenta e oito horas.

— Homicídio involuntário? — Genuinamente chocada, Peabody abriu a boca olhando para Eve ao entrarem no elevador com mosaicos para descerem até ao átrio. — Não acredito, Dallas.

— Pois podes acreditar. — Eve olhou para os olhos negros e sinceros de Peabody, estudou a sua cara quadrada e estupefacta sob o seu cabelo cortado à tigela e chapéu de Polícia. E quase teve pena de destruir aquela firme crença no sistema. — Se se provar que o berbequim era da vítima, que ela não fora armada. Isso exclui premeditação. Agora está dominada pelo orgulho e por uma boa dose de loucura, mas após algumas horas numa cela, se não for antes, o instinto de sobrevivência vai fazer efeito e ela vai pedir um advogado. É inteligente, por isso, vai arranjar um advogado inteligente.

— Sim, mas sabemos que o matou com intenção. Matou com malícia. Ela acabou de declarar isso.

Isso era o que estava escrito na Lei. Por muito que Eve acreditasse nela, sabia que muitas páginas estavam esborratadas. — E ela não tem de negar nada, só tem de adornar a coisa. Eles discutiram. Ela ficou de rastos, alterada. Talvez ele a tenha ameaçado. Num momento de paixão — ou possivelmente medo — ela pegou no berbequim.

Eve saiu do elevador e atravessou o largo átrio de colunas de mármore cor-de-rosa e árvores ornamentais lustrosas. — Capacidade diminuída temporária —, continuou ela. — Possivelmente um argumento de legítima defesa, apesar de ser mentira. Mas Branson devia medir cerca de 1,87m e pesaria uns noventa quilos e ela mediria 1,65m e pesaria uns cinquenta e dois quilos. Essa desculpa podia pegar. Depois, em estado de choque, conta imediatamente à Polícia. Não tenta fugir nem negar o que fez. Assume a responsabilidade, o que cairia bem junto dos jurados, se fosse caso disso. O advogado da Procuradoria-Geral sabe disso e assim vai acabar por aceitar um desagravamento do crime.

— Que chatice.

— Ela vai presa —, disse Eve enquanto saíram para o frio tão amargo como a amante desprezada detida. — Vai perder o emprego, vai gastar uma boa quantia de créditos com o advogado. Tudo isso é castigo.

Peabody olhou para a carrinha da morgue. — Este devia ser tão fácil.

— Muitas vezes os fáceis são os mais complexos. — Eve sorriu ligeira-

mente ao abrir a porta do seu veículo. — Anima-te, Peabody, vamos encerrar o caso e ela não se vai safar. Às vezes, é o melhor que se arranja.

— Ela não o amava. — Peabody encolheu os ombros perante a so-brancelha arqueada de Eve. — Notava-se. Ela só ficou lixada porque ele andou a pular a cerca.

— Sim, e ela aparafusou-o à parede, literalmente. Por isso, não te esqueças, a lealdade é importante. — A teleligação do carro tocou assim que ela ligou o motor. — Fala Dallas.

— Olá, Dallas. É o Ratso.

Eve olhou para a cara de furão e olhos azuis pequeninos no ecrã. — Nunca diria.

Ele fez uma inspiração ruidosa que quase pareceu uma risada. — Sim, pois. Ouça, Dallas, tenho uma coisa para si. Que tal se nos encontrássemos para falar? Pode ser? Sim?

— Vou para a Central, tenho trabalho para fazer. E o meu turno acabou há dez minutos, por isso...

— Tenho uma coisa boa para si. Dados bons. Que valem alguma coisa.

— Sim, dizes sempre isso. Não me faças perder tempo, Ratso.

— É uma cena boa. — Os olhos azuis mexiam-se como berlindes na sua cara magra. — Posso estar no The Brew daqui a dez minutos.

— Dou-te cinco minutos, Ratso. Tenta ser coerente.

Ela terminou a ligação, desviou-se do passeio e seguiu para a Baixa.

— Lembro-me dele dos seus ficheiros —, comentou Peabody. — Era um dos seus informadores.

— Sim, e acabou de cumprir noventa dias de cadeia por embriaguez e conduta desordeira. Consegui que não fosse acusado de atentado ao pudor. O Ratso gosta de exhibir a sua personalidade quando está bêbedo. Não faz mal a ninguém —, acrescentou Eve. — Essencialmente é um bazófia, mas de vez em quando arranja dados de jeito. O The Brew fica a caminho e a Cooke pode esperar um pouco. Processa o número de série da arma do crime. Vamos verificar se pertencia mesmo à vítima. E depois procura os parentes mais próximos. Eu notifico-os assim que a Cooke estiver presa.

A noite estava límpida e fria, com um vento intenso a estalar pelos desfiladeiros urbanos abaixo e a afugentar a maioria dos transeuntes. Os vendedores dos carros ambulantes resistiam, tremendo no vapor e fedor dos cachorros-quentes de soja, esperançosos que aparecessem algumas almas esfomeadas suficientemente corajosas para enfrentar o gelo de fevereiro.

O inverno de 2059 fora brutalmente frio e os lucros diminuiram.

Deixaram o bairro fino de Upper East Side com os seus passeios limpos e conservados e porteiros fardados, e seguiram para sul e oeste, onde as

ruas eram mais estreitas e barulhentas, e os nativos andavam depressa, de olhos postos no chão e os punhos sobre as carteiras.

Esmagados contra os passeios viam-se restos da última queda de neve, cinzenta e feia. Bocados perigosos de gelo ainda cobriam os passeios e aguardavam os incautos. Lá no alto, um cartaz pendia com um mar azul quente cingido por areia branca como açúcar. A loura peituda a brincar nas ondas pouco mais trazia do que o seu bronzeado e convidava Nova Iorque a divertir-se nas ilhas.

Eve entreteve-se a pensar numa escapadinha de alguns dias na ilha de Roarke. *Sol, areia e sexo*, pensou ela ao escapar ao trânsito mal-humorado de fim do dia. O seu marido proporcionar-lhe-ia estas três coisas com prazer e ela estava prestes a sugerir-lo. Talvez daqui a uma ou duas semanas, decidiu ela. Quando tivesse despachado uma papelada, feito algumas comparências em tribunal e resolvido algumas coisas pendentes.

Assim, admitiu ela, sentia-se um pouco mais segura estando longe do trabalho.

Recentemente perdera o distintivo, e quase perdera o rumo, e ainda não esquecera essa dor. Agora que recuperara ambas as coisas, não estava preparada para deixar de lado o dever por uma breve indulgência.

Quando encontrou um lugar para estacionar na rampa de rua do segundo piso perto do The Brew, Peabody já tinha os dados solicitados. — Segundo os números de série, a arma do crime pertencia à vítima.

— Então começamos por pedir homicídio simples —, disse Eve consoante desciam até à rua. — O advogado da Procuradoria-Geral não vai perder tempo a tentar provar premeditação.

— Mas acha que ela foi lá para o matar.

— Sem dúvida. — Eve atravessou o passeio até às luzes baças de uma caneca de cerveja animada com espuma suja a escorrer pelos lados.

The Brew era especializado em bebidas baratas e aperitivos moles. A sua clientela incluía trifulhas com azar, funcionários de nível baixo pouco amigos de trabalhar e acompanhantes registadas baratas que os perseguiram, bem como um grupinho de aldrabões sem mais nada para aldrabar.

O ar era abafado e muito quente, as conversas dispersas e confidenciais. Por entre a luz suja, vários olhares concentraram-se em Eve e depois rapidamente foram desviados.

Mesmo sem a farda de Peabody a seu lado, notava-se que ela era polícia. Eles tê-lo-iam reconhecido na sua postura, no corpo esguio em alerta, os olhos castanhos claros firmes, concentrados e inexpressivos ao assimilar caras e detalhes.

Só os inexperientes teriam visto apenas uma mulher de cabelo casta-

nho curto, cortado um tanto irregularmente, uma cara magra com ângulos definidos e uma cova superficial no queixo. A maioria dos frequentadores do The Brew era experiente e topava logo um polícia.

Ela viu Ratso, a sua cara de roedor pontiaguda quase enfiada na caneca a sugar cerveja. Ao caminhar até à mesa dele, Eve ouviu algumas cadeiras serem arrastadas timidamente para longe e viu mais do que um par de ombros a encurvar-se defensivamente.

Todos somos culpados de alguma coisa, pensou ela, e enviou a Ratso um sorriso rasgado destemido. — Este lugar não muda, Ratso, nem tu.

Ele ofereceu-lhe a sua risada chiada, mas o seu olhar dançou nervosamente pela farda impecável de Peabody. — Não era preciso trazer reforços, Dallas. Chiça, Dallas, julgava que éramos amigos.

— Os meus amigos tomam banho regularmente. — Eve abanou a cabeça em direção a uma cadeira para Peabody se sentar e depois sentou-se ela também. — Ela é minha auxiliar —, disse Eve simplesmente.

— Sim, ouvi dizer que andava a treinar um cachorrinho. — Ele tentou sorrir, expondo o seu desagrado por higiene dental, mas Peabody reagiu com um olhar sereno. — Ela é porreira, sim, é porreira porque é sua auxiliar. Eu também sou seu auxiliar, não sou, Dallas? Não sou?

— Olha que sorte a minha. — Quando a empregada se dirigiu à mesa deles, Eve limitou-se a dirigir-lhe um olhar que a fez mudar de direção e deixá-los em paz. — O que tens para mim, Ratso?

— Tenho umas cenas boas e posso arranjar mais. — A sua cara infeliz rasgou um sorriso de orelha a orelha que ele deveria considerar cauteloso, deduziu Eve. — Se pudesse contar com alguns créditos...

— Eu não pago por conta. Por conta de poder não ver a tua fronha feia durante mais seis meses.

Ele voltou a respirar ruidosamente, emborcou cerveja e lançou-lhe um olhar esperançoso com os seus olhos pequenos e rasos de água. — Eu ponho todas as cartas na mesa consigo, Dallas.

— Então, começa a pô-las.

— Está bem, está bem. — Ele inclinou-se para a frente, curvando o seu corpinho magricela sobre os restos de cerveja na caneca. Eve conseguiu ver um círculo perfeito de escalpe, nu como o rabo de um bebé, na coroa da sua cabeça. Era quase enternecedor e certamente mais atraente do que os fios sebosos de cabelo da cor de pasta que dele pendiam. — Conhece O Arranjas, não conhece? Não conhece?

— Claro. — Ela recostou-se um pouco, não tanto para se descontraír, mas para escapar ao bafo bastante desagradável do seu informador. — Ele ainda anda por cá? Caramba, deve ter uns cento e cinquenta anos.

— Não, não era assim tão velho. Era capaz de ter uns noventa e pou-

cos e era vivaço. O Arranjas era vivaço, não há dúvida. — Ratso acenou entusiasmadamente com a cabeça e fez saltar esses fios sebosos. — Cuidava-se bem. Fazia uma alimentação saudável, fazia sexo regularmente com uma das miúdas de B Avenue. Dizia que o sexo mantinha a mente e o corpo em boa forma.

— Eu que o diga —, murmurou Peabody, o que lhe valeu um olhar moderado de Eve.

— Estás a falar no pretérito imperfeito.

Ratso pestanejou. — Como?

— Aconteceu alguma coisa ao Arranjas?

— Sim, mas espere, estou a pôr o carro à frente dos bois. — Espetou os dedos magros na tigela pouco funda de frutos de aspeto miserável. Mastigou-os com os dentes que lhe restavam enquanto olhava para o teto e realinhou os seus pensamentos facilmente dispersos. — Há cerca de um mês, eu recebi... Eu tinha uma unidade de ecrã de visualização que precisava de ser arranjada.

As sobranceiras de Eve arquearam-se sob a sua franja. — Para não ser identificada —, disse ela moderadamente.

Ele arquejou e sorveu ruidosamente. — Sabe, deixaram-na cair e eu levei-a ao Arranjas para ele lhe dar um jeito. É que o tipo é um génio, não é? Não há nada que nas mãos dele não fique como novo.

— E é tão inteligente a forma como consegue mudar números de série.

— Sim, pois. — O sorriso de Ratso era quase meigo. — Começámos a falar e o Arranjas sabia que eu ando sempre à cata de biscates. E disse-me que tinha um trabalho. Um trabalho grande. Muito simples. Mandaram-lhe fazer cronómetros, controlos remotos e dispositivos pequenos, merdas dessas. Também fez bombas.

— Disse-lhe que estava a fazer explosivos?

— Bem, nós éramos mais ou menos amigos e sim, ele disse-me. Disse que eles souberam que ele costumava fazer esse tipo de cena no Exército. E eles pagavam-lhe bem.

— Quem é que pagava?

— Não sei. Acho que ele também não sabia. Disse que dois tipos iam a casa dele e lhe davam uma lista de coisas e alguns créditos. E depois fazia a cena, entende? Depois telefonava para um número que lhe davam e deixava mensagem. Só tinha de dizer que os produtos estavam prontos e os dois tipos voltavam, levavam as coisas e davam-lhe o resto do dinheiro.

— Ele sabia qual era a finalidade dessas coisas?

Ratso elevou os seus ombros ossudos e depois olhou com pena para a sua caneca vazia. Sabendo o que a casa gastava, Eve levantou um dedo e depois indicou o copo de Ratso. Ele espevitou de imediato.

— Obrigado, Dallas. Obrigado. Fico com a garganta seca, entende? Fica-me seca enquanto falo.

— Nesse caso, sê direto, Ratso, enquanto ainda tens saliva na boca.

Ele ficou radiante quando a empregada se aproximou para deitar um líquido da cor de urina na sua caneca. — Está bem, está bem. Ele disse que achava que se calhar os tipos queriam assaltar um banco, uma joalheria, qualquer coisa assim. Estava a fazer-lhes uma unidade de derivação e ele deduziu que os cronómetros e controlos remotos faziam explodir as bombas que ele lhes fazia. Disse que eles podiam querer um gajo que soubesse mover-se no subsolo. Que ia falar-lhes de mim.

— Para que servem os amigos?

— Sim, isso mesmo. Depois há duas semanas recebi um telefonema dele. Estava todo passado. Disse-me que o esquema não era o que ele imaginara. Que era uma cena má. Muito má. Não dizia coisa com coisa. Nunca tinha ouvido o velho Arranjas assim. Estava mesmo cheio de medo. Disse qualquer coisa sobre Arlington e que precisava de desaparecer do mapa durante uns tempos. Perguntou se podia ficar comigo até decidir o que devia fazer a seguir. E eu disse-lhe que sim, não havia problema, para ele vir. Mas ele nunca apareceu.

— Talvez se tenha escondido noutra local.

— Sim, lá isso escondeu-se. Tiraram-no do rio há uns dois dias. Do lado de Jérsia.

— Lamento sabê-lo.

— Sim. — Rasto fez uma cara melancólica sobre a sua cerveja. — Ele era porreiro, sabe. Ouvi dizer que lhe cortaram a língua. — Este elevou os seus olhinhos pequenos e fixou-os chorosamente em Eve. — Que tipo de pessoa faz isso?

— São maus negócios, Ratso. Gente má. O caso não é meu —, acrescentou ela. — Posso dar uma vista de olhos no ficheiro, mas não há muito que possa fazer.

— Eles mataram-no porque ele descobriu o que eles iam fazer, não foi? Não foi?

— Sim, eu diria que faz sentido.

— Portanto, tem de descobrir o que eles iam fazer, não é? Descubra, Dallas, detenha-os e castigue-os por matarem assim o Arranjas. Você é agente de Homicídios e eles mataram-no.

— Não é tão simples assim. O caso não é meu —, disse ela novamente. — Se o tiraram do rio em Nova Jérsia, nem sequer é a minha cidade, porra. Os polícias que estão a tratar do caso provavelmente não vão gostar que eu meta o bedelho na investigação deles.

— Acha que a maioria dos policiais se interessaria alguma coisa pelo Arranjas?

Ela quase suspirou. — Há muitos policiais que se interessam. Muitos que se esfalfarão para tentar solucionar o caso, Ratso.

— Você vai esfalfar-se mais. — Disse ele simplesmente, quase com uma fé infantil nos olhos. E Eve sentiu a sua consciência ficar inquieta. — E eu posso descobrir cenas para lhe dizer. Se o Arranjas falava um pouco comigo, talvez também falasse com outra pessoa. Ele não se assustava com facilidade. Passou pelas Guerras Urbanas. Mas estava muito assustado quando me telefonou nessa noite. Não o mataram assim só porque iam assaltar um banco.

— Talvez não. — Mas ela sabia que havia alguns que esventravam um turista por uma unidade de pulso e um par de botas de motociclista aéreo. — Eu vou averiguar isso. Mas não te posso prometer. Se descobrires mais alguma coisa, contata-me.

— Sim, está bem. Combinado. — Ele sorriu para Eve. — Vai descobrir quem matou assim o Ratso. Os outros policiais não sabiam das merdas em que ele andava metido, não é? Por isso, eu dei-lhe dados bons.

— Sim, bastante bons, Ratso. — Ela levantou-se, tirou créditos do seu bolso e colocou-os na mesa.

— Quer que saque o ficheiro deste afogado? — perguntou Peabody quando saíram para a rua.

— Sim, basta para amanhã. — Quando voltaram a entrar no veículo, Eve enfiou as mãos nos bolsos. — E verifica também o termo Arlington. Procura edifícios, ruas, cidadãos, negócios, esse tipo de coisas que tenha esse nome. Se encontrarmos alguma coisa, entregamos ao agente investigador.

— Este tal Arranjas, ele era informador de alguém?

— Não. — Eve sentou-se atrás do volante. — Detestava policiais. — Por um momento, Eve franziu as sobrancelhas e bateu com os dedos. — O Ratso tem um cérebro do tamanho de um feijão de soja, mas num aspeto tem razão. O Arranjas não se assustava com facilidade e era ganancioso. Tinha a loja dele aberta sete dias por semana e trabalhava lá sozinho. Dizem que tinha a sua arma antiga do tempo do Exército sob o balcão e uma faca de caça. Gabava-se que conseguia cortar um homem em postas tão depressa como cortava uma truta.

— Devia ser um tipo muito divertido.

— Era duro e amargurado, e mais depressa mijava para cima de um polícia do que olhava para ele. Se queria safar-se do negócio em que se metia, era porque devia ser muito pesado. São pouquíssimas as coisas que o afastariam.

— Que barulho é este que estou a ouvir? — Inclinando a cabeça, Peabody pôs uma mão em forma de concha junto à sua orelha. — Deve ser o barulho da Tenente a cair na cantiga.

Eve saltou para a rua com mais força do que a necessária. — Cala-te, Peabody.

Ela faltou ao jantar, o que era apenas ligeiramente irritante. O fato de estar certa acerca do advogado da Procuradoria-Geral e do acordo de Lisbeth Cooke era simplesmente revoltante. *Pelo menos*, pensou Eve à medida que entrou em casa, *o pascalho podia ter aguentado o pedido de homicídio simples durante mais algum tempo*.

Agora, poucas horas após Eve a ter detido pela morte de um tal J. Clarence Branson, Lisbeth estava em liberdade após pagar caução e provavelmente estaria confortavelmente sentada no seu apartamento com um copo de clarete e um sorriso gozão na cara.

Summerset, o mordomo de Roarke, entrou no *foyer* para a receber com um olhar ameaçador e rígido de desaprovação. — Para não variar, chegou bastante tarde.

— Ai sim? E você, para não variar, continua muito feio. — Ela largou o blusão sobre o pilar principal das escadas. — A diferença é que amanhã eu posso chegar a horas.

Ele reparou que Eve não parecia pálida nem cansada, dois sinais precoces de excesso de trabalho. Este preferia sofrer o pior dos tormentos a admitir, até para si mesmo, que esse facto lhe agradava.

— Roarke —, disse ele em tons frígidos quando ela passou por ele e começou a subir as escadas — está na sala de vídeo. — A sobranceira de Summerset arqueou-se ligeiramente. — Segundo piso, quarta porta à direita.

— Eu sei onde fica —, resmungou Eve, ainda que não fosse totalmente verdade. Mas ela acabaria por encontrá-la, apesar da casa ser enorme, um labirinto de quartos e tesouros e surpresas.

O homem não se privava de nada, pensou ela. Porque haveria de se privar? Em criança não teve nada e conquistara, de uma forma ou de outra, todos os confortos que agora tinha à sua disposição.

Mas mesmo um ano depois, não estava habituada à casa, ao enorme edifício de pedra com as suas sacadas e torres, e o terreno com um jardim luxuriante. Não estava habituada à riqueza, deduziu ela, nunca estaria. Nunca se habituaria ao poder financeiro que proporcionava hectares de madeira polida, vidro reluzente, arte de outros países e séculos, bem como os prazeres simples de tecidos macios e almofadas fofas.

A verdade é que se casara com Roarke apesar do dinheiro, apesar de

como este conseguira grande parte da sua riqueza. Apaixonara-se por ele tanto pelo seu lado mau como pelo seu lado bom, deduziu Eve.

Esta entrou na sala com os seus sofás compridos e luxuosos, ecrãs de parede enormes e o complexo centro de controlo. Havia um bar encantadoramente antiquado, de cerejeira luzidia com bancos de pele e bronze. Um armário trabalhado com uma porta arredondada tinha, lembrava-se Eve vagamente, inúmeros discos de vídeos antigos de que o seu marido tanto gostava.

O chão polido estava coberto com tapetes de padrões elaborados. Uma fogueira bem quente, pois Roarke não queria cá imagens geradas por computador, enchia a lareira de mármore negro e aquecia o gato gordo que dormia enroscado à frente dela. O cheiro da madeira a estalar fundia-se com o odor exótico de flores que se projetavam de uma jarra de cobre quase tão grande como ela e com a fragância das velas a brilhar em tom dourado sobre a lareira luminosa.

No ecrã via-se uma festa elegante formal.

Mas era o homem confortavelmente estendido no sofá faustoso, com um copo de vinho na mão, que chamava a atenção.

Por muito românticos e sensuais que fossem aqueles vídeos antigos de sombras atmosféricas, por muito misteriosos que fossem os seus tons, o homem que os via era-o ainda mais. E era a três dimensões.

Trazia um *smoking* vestido com o colarinho da camisa branca informalmente desabotoado. Ao fundo das suas longas pernas vestidas com calças pretas, os pés estavam descalços. Porque achava aquilo tão intensamente sensual, não sabia, pensou ela.

Mas era sempre a cara dele que a atraía, aquela cara gloriosa de um anjo a cair no inferno com a luz do pecado nos seus olhos azuis vívidos e um sorriso a curvar-lhe a boca poética. Era emoldurada por um cabelo negro bem arranjado que lhe chegava quase aos ombros. Uma tentação para os dedos e punhos de qualquer mulher.

Apercebeu-se nesse momento, como era costume, que começara a apaixonar-se por ele assim que viu aquela cara. No ecrã do computador no gabinete dela, durante a investigação de um homicídio. Quando ele fazia parte da sua pequena lista de suspeitos.

Há um ano, apercebeu-se ela. Fora há apenas um ano que as suas vidas se tinham cruzado. E irrevogavelmente mudadas.

Agora, apesar de ela não fazer qualquer barulho, de não se aproximar, ele voltou a cabeça. O olhar dele cruzou-se com o de Eve. E Roarke sorriu. O coração dela deu uma volta longa e lenta no peito que continuava a espantá-la e embaraçá-la.

— Olá, Tenente. — Roarke estendeu uma mão em jeito de boas-vindas.

Eve foi ter com ele e deixou que os seus dedos se entrelançassem com os dele. — Olá. O que estás a ver?

— “Dark Victory”. Bette Davis. Ela fica cega e morre no final.

— Mas que treta.

— Mas ela fá-lo corajosamente. — Roarke puxou-a ligeiramente pela mão até esta se sentar no sofá com ele.

Quando ela se estendeu, quando o seu corpo se curvou fácil e naturalmente contra o corpo dele, Roarke sorriu. Fora preciso muito tempo e confiança entre ambos para a convencer a descontrair desta forma. Para que Eve o aceitasse a ele e ao que ele precisava de lhe dar.

Era a sua agente de Polícia, pensou ele ao brincar com o cabelo de Eve, com os seus recantos obscuros e coragem tremenda. Era a sua esposa, com os seus nervos e necessidades.

Roarke ajeitou-se, satisfeito quando ela pousou a cabeça no ombro dele.

Já agora, Eve decidiu que seria ótima ideia tirar as botas e beber um gole do copo de vinho dele. — Porque estás a ver este vídeo antigo se já sabes como acaba?

— O que interessa é chegar ao fim. Jantaste?

Ela fez um som de negação e devolveu-lhe o vinho. — Vou comer qualquer coisa daqui a pouco. Estive agarrada a um caso que apareceu mesmo antes do final do turno. Uma mulher pregou um tipo à parede com o berbequim dele.

Roarke engoliu o vinho com dificuldade. — Literal ou metaforicamente?

Ela soltou um risinho, desfrutando do vinho consoante trocavam o copo entre si. — Literalmente. Um Branson 8000.

— Arre.

— Pois é.

— Como sabes que foi uma mulher?

— Porque depois de o pregar à parede, chamou a Polícia e esperou por nós. Eram amantes, ele andava com outras, por isso, ela enfiou-lhe uma broca de aço de sessenta centímetros pelo coração traidor.

— É para ele aprender. — A Irlanda vagueou pela voz dele como uísque e levou-a a inclinar a cabeça para olhar para Roarke.

— Ela foi-lhe ao coração. Eu cá tinha-lhe furado os tomates. É mais direto, não achas?

— Querida Eve, és uma mulher muito direta. — Roarke baixou a cabeça para tocar os lábios dela com os dele, uma vez e depois outra.

A boca de Eve aqueceu, ergueu as mãos agarrando-lhe o cabelo espesso e negro para o aproximar de si. Para o levar mais fundo. Antes que ele

conseguisse mexer-se para pousar o vinho, ela pôs-se em cima dele, derrubando o copo para o chão ao imobilizá-lo.

Ele arqueou uma sobrancelha e os seus olhos reluziram, consoante usou os dedos ágeis para lhe desabotoar a camisa. — Acho que também já sabemos como isto acaba.

— Sim. — Com um sorriso, ela dobrou-se para lhe morder o lábio inferior. — Vejamos como chegamos lá desta vez.

Eve resmungou com a sua teleligação de secretária após terminar a conversa com o gabinete da Procuradoria-Geral. Tinham aceitado a classificação de homicídio simples no caso de Lisbeth Cooke.

Homicídio simples, pensou ela enojada, para uma mulher que tirara uma vida sem piedade, nem misericórdia, porque um homem não conseguia controlar a pila.

No máximo cumpriria um ano numa prisão de segurança mínima, onde pintaria as unhas e melhoraria o seu serviço no ténis. Muito provavelmente assinaria um acordo para fazer um disco e um vídeo sobre a história por uma quantia considerável, reformar-se-ia e mudar-se-ia para Martinica.

Eve tinha noção que mandara Peabody aceitar o que conseguisse, mas nem ela esperava tão pouco.

La deixar que o assistente do advogado da Procuradoria-Geral – e Eve dissera-o ao anormalzinho desprezível por palavras curtas e veementes – dissesse aos parentes mais próximos porque razão a justiça estava demasiado ocupada para se importar, porque tivera tamanha pressa em fazer acordo que nem sequer esperara que Eve acabasse o relatório.

Ela cerrou os dentes e bateu com um punho contra o seu computador em antecipação do comportamento errático e solicitou o relatório do perito médico relativo a Branson.

Fora um homem saudável de cinquenta e um anos, sem quaisquer problemas de saúde. O corpo não tinha quaisquer marcas ou lesões, a não ser o orifício medonho feito pela broca de um berbequim.

Eve reparou que não tinha drogas nem álcool no organismo. Não havia indício de atividade sexual recente. O conteúdo do estômago revelava uma última refeição simples de massa de cenoura e ervilha com um molho de natas leve, pão de trigo e chá de ervas ingerido menos de uma hora antes de morrer.

Uma refeição bastante sensaborona, concluiu Eve, para tal ganhão.

E quem mais dissera que ele era um ganhão, senão a mulher que o matara, interrogou-se Eve. Com tanta pressa para despachar trabalho, não lhe deram tempo para verificar o motivo da porcaria do homicídio simples.

Quando a comunicação social soubesse da notícia, o que era inevitável, Eve deduziu que muitos parceiros sexuais insatisfeitos iriam começar a arregalar o olho ao armário das ferramentas.

O seu amante chateou-o?, pensou ela. Pois então veja se ele gosta de levar com o Branson 800, a escolha de profissionais e amadores sérios. Pois é, Eve pensou que Lisbeth Cooke conseguiria uma campanha publicitária toda catita com essa frase. As vendas iriam disparar.

As relações deviam ser a forma de entretenimento mais confusa e brutal da sociedade. Em comparação com a maioria das relações, uma final de futebol de arena parecia um baile de salão. Ainda assim as almas solitárias insistiam em procurá-las, em agarrar-se a elas, lutar por elas e chorar a sua perda.

Não admirava que o mundo estivesse cheio de malucos.

O brilho da aliança de casamento de Eve chamou a sua atenção e fê-la pestanejar. Aquilo era diferente, garantiu a si mesma. Não procurara nada. Aquela relação encontrara-a, derrubara-a com uma pancada forte atrás dos joelhos. E se Roarke alguma vez decidisse que queria acabar a relação, ela provavelmente deixá-lo-ia viver.

Todo partido.

Completamente enojada, voltou-se para a sua máquina e começou a martelar as teclas, introduzindo o relatório de investigação com o qual o gabinete da Procuradoria-Geral aparentemente não se queria incomodar.

Eve olhou para cima quando o inspetor eletrónico Ian MacNab meteu a cabeça pela porta. O seu cabelo comprido dourado hoje estava entrançado e apenas um caracol iridescente lhe tocava no lóbulo da orelha. Obviamente para compensar o toque conservador, trazia uma camisola grossa em tons azuis e verdes berrantes que lhe chegava às ancas e tapavam as calças justas pretas. Botas azuis reluzentes completavam o visual.

McNab sorriu para ela, os seus olhos verdes ousados numa cara bonita. — Dallas, já acabei de verificar as ligações da vítima e o bloco de memorandos pessoal. Acabou de chegar o material do escritório dele, mas deduzi que gostaria de saber o que já descobri.

— Então porque ainda não tenho o teu relatório na minha secretária? — perguntou ela secamente.

— Resolvi trazê-lo pessoalmente. — Com um sorriso amistoso, largou um disco sobre a secretária de Eve e depois sentou o rabo no canto.

— A Peabody está a verificar alguns dados a meu pedido, McNab.

— Sim. — Ele mexeu os ombros. — Ela está no cubículo dela?

— Ela não tem qualquer interesse em ti, vê lá se percebes.

Ele voltou a mão e examinou as unhas com um olhar crítico. — Quem disse que estou interessado nela? Ela ainda anda com o Monroe?

— Não falamos acerca disso.

Os olhos de Ian cruzaram-se por breves instantes com os de Eve e partilharam um momento de vaga desaprovação que nenhum deles gostava

va de demonstrar em relação ao envolvimento contínuo de Peabody com um acompanhante registado manhoso, ainda que atraente. — Só estava a perguntar por curiosidade.

— Pergunta-lhe tu mesmo. — *E depois conta-me tudo*, acrescentou ela baixinho.

— Eu pergunto. — McNab voltou a sorrir. — Assim ela tem oportunidade de me mostrar os dentes. Tem uns dentes lindos.

Ele levantou-se, andando às voltas pelo cubículo atafalhado que era o gabinete de Eve. Ambos teriam ficado espantados por perceber que as suas opiniões acerca das relações, de momento, eram muito coincidentes.

A relação escaldante de McNab com uma comissária de bordo interplanetária arrefecera e azedara na noite anterior. Ela aborrecera-o, pensava agora, o que deveria ser impossível já que esta expusera os seus peitos verdadeiramente magníficos sob uma lingerie transparente e prateada.

Ele não conseguira sentir qualquer entusiasmo porque os seus pensamentos iam sempre dar ao aspeto de uma certa agente irritadiça de farda engomada.

Que raio usaria ela debaixo daquilo?, pensava ele agora, tal como infelizmente divagara na noite anterior. Essa especulação levava-o a acabar mais cedo o encontro, aborrecendo de tal forma a comissária de bordo que quando McNab voltou a si – como sabia que voltaria – percebeu que nunca mais teria a oportunidade de agarrar aqueles peitos lindos.

Concluiu que passava demasiadas noites sozinho a ver televisão.

Por falar nisso...

— Ontem à noite vi o vídeo da Mavis no ecrã. Bestial.

— Sim, é muito bom. — Eve pensou na amiga que fazia a primeira digressão de promoção do seu álbum para a empresa de entretenimento de Roarke, a cantar até que a voz lhe doesse em Atlanta. Mavis Freestone, pensou Eve emocionada, dificilmente iria soltar notas para bêbedos e drogados de espeluncas como o Blue Squirrel.

— O disco está a começar a fazer sucesso. Roarke acha que vai chegar aos primeiros vinte para a semana que vem.

McNab agitou fichas de crédito que trazia no bolso. — Vamos poder dizer que a conhecíamos quando não era famosa.

Eve achou que ele estava a empatar e ela estava a permiti-lo. — Acho que Roarke está a planear uma festa para quando ela voltar.

— Boa, ótimo. — Depois endireitou-se perante o som inconfundível de sapatos de Polícia a bater no linóleo gasto. McNab tinha as mãos nos bolsos e um olhar de puro desinteresse na cara quando Peabody entrou pela porta.

— O Departamento de Polícia de Nova Jérсия entregou... — Ela parou e fez uma cara carrancuda. — O que queres, McNab?

— Orgasmos múltiplos, mas vocês ficaram com esse privilégio.

Uma gargalhada borbulhou na sua garganta, mas Peabody controlou-a. — A Tenente não tem tempo para as tuas piadas ridículas.

— Na verdade, a Tenente até gostou desta —, disse Eve para depois revirar os olhos quando Peabody olhou para ela. — Desanda, McNab, acabou-se o recreio.

— Só achei que gostarias de saber —, continuou ele — que ao verificar os blocos de memorandos e ligações do falecido, não houve quaisquer chamadas feitas ou recebidas de uma mulher que não fosse a agressora ou do pessoal do gabinete dele. Não aparecem encontros marcados no registo dele como *casos amorosos* —, disse ele, desdobrando a palavra com um sorriso irónico dirigido a Peabody — exceto o caso amoroso com Lisbeth Cooke, a quem frequentemente se referia como “Lissy Adorada”.

— Não há registo de outra mulher? — Eve contraiu os lábios. — E de outro homem?

— Não, não há qualquer encontro marcado e não há indício de que fosse bissexual.

— Interessante. Verifica os registos do escritório, McNab. Será que a “Lissy Adorada” mentiu sobre o motivo e, se mentiu, porque o matou? — Vou já tratar disso. — Ao sair, McNab fez uma breve pausa para mandar um beijo sonoro e exagerado a Peabody.

— É mesmo paspalho.

— Talvez ele te irrite, Peabody...

— Não há cá talvez nenhum.

— Mas ele foi inteligente o suficiente para perceber que o relatório dele poderia alterar algumas perspectivas deste caso.

A ideia de McNab meter o bedelho num caso dela, outra vez, deixava Peabody com os cabelos em pé. — Mas o caso Cooke está encerrado. A homicida confessou, foi acusada, detida e a caução foi definida.

— A acusação é de homicídio simples. Se não foi crime passional, talvez conseguisses uma acusação mais grave. Vale a pena saber se o Branson andava a pular a cerca ou se ela inventou isso para encobrir outro motivo. Vamos passar pelo escritório dele hoje ao final do dia para fazer algumas perguntas. Entretanto... — Eve abanou os dedos enrolados em direção ao disco que Peabody ainda segurava.

— O relatório primário do inspetor Sally —, começou Peabody a dizer quando entregou o disco a Eve. — Ele não tem qualquer problema em colaborar. Basicamente porque não tem nada. O corpo esteve no rio pelo menos trinta e seis horas até ser descoberto. Não há testemunhas. A vítima

não trazia qualquer dinheiro ou créditos, mas tinha identificação e cartões de crédito. Trazia uma unidade de pulso, uma imitação boa da Cartier, daí que Sally tenha posto de lado a hipótese de assalto, ainda mais quando a autópsia relevou que ele não tinha língua.

— Já é uma pista —, murmurou Eve e introduziu o disco numa ranhura da sua unidade.

— O relatório do perito médico indica que a língua foi cortada com uma lâmina dentada antes da vítima morrer. Contudo, as lacerações e hematomas na nuca e a inexistência de indícios de tentativa de defesa indicavam que a vítima terá levado uma pancada e perdido os sentidos antes da cirurgia improvisada para depois ser atirada ao rio. Ataram-lhe as mãos e pés antes de a atirarem. A causa da morte oficial é afogamento.

Eve bateu com os dedos na mesa. — Há algum motivo para eu me dar ao trabalho de ler este relatório? — perguntou ela e esboçou um sorriso.

— O inspetor Sally foi prestável. Duvido que ele desse luta se você quisesse ficar com o caso. Ele realçou que como a vítima vivia em Nova Iorque, pode ter sido morto aqui ou do outro lado do rio.

— Não vou ficar com o caso, estou só a ver. Verificaste Arlington?

— Tudo o que encontrei está no lado B do disco.

— Está bem. Dou-lhe uma vista de olhos quando formos ao escritório do Branson.

Eve semicerrou os olhos quando um homem alto e desengonçado, de calças de ganga gastas e uma parka antiga, hesitava em entrar pela porta. Com vinte e poucos anos, deduziu ela, com uma inocência tão declarada nos seus olhos de um tom cinza deslumbrante que esta já ouvia os ladrões e trapaceiros de rua a fazer fila para lhe roubarem tudo.

Tinha uma cara magra e ossuda que esta associava a mártires ou académicos, e cabelo castanho apanhado num rabo de cavalo bem feito, com madeixas do sol.

O sorriso dele era lento e tímido.

— Procura alguém? — começou Eve. Perante a pergunta, Peabody voltou-se, abriu a boca e depois soltou o que só poderia ser chamado de guincho.

— Olá, Dee. — A voz dele tremeu, como se raramente falasse.

— Zeke! Uau, Zeke! — Esta deu um salto acrobático e saltou para uns braços longos e acolhedores.

Eve levantou-se lentamente ao ver Peabody de farda impiedosamente passada com os seus sapatos de Polícia suspensos a alguns centímetros do chão enquanto se ria – era a única palavra que descrevia o som – e premiu beijos de alegria na face longa de um homem que a agarrava.

— O que fazes aqui? — perguntou Peabody. — Quando chegaste? Que bom ver-te. Quanto tempo podes ficar?

— Dee —, foi a única coisa que este proferiu e içou-a mais um pouco para premir os lábios contra a face dela.

— Peço desculpa. — Bem ciente de como facilmente os boatos corriam na unidade, Eve avançou. — Agente Peabody, sugiro que tenha esta reunião no seu horário pessoal.

— Peço desculpa. Põe-me no chão, Zeke. — Mas esta manteve possessivamente um braço a agarrá-lo mesmo quando pousou os pés no chão. — Tenente, este é o Zeke.

— Até aí já eu percebi.

— É o meu irmão.

— Ai sim? — Eve voltou a olhar, em busca de semelhanças. Não encontrou nenhuma, o tipo de corpo, tom de pele, os traços. — Prazer em conhecê-lo.

— Não queria interromper. — Zeke corou um pouco e estendeu uma mão enorme. — A Dee tem muitas coisas boas a dizer sobre si, Tenente.

— Folgo em sabê-lo. — Eve deu com a sua mão perdida no meio de outra tão dura como granito e tão macia como seda. — Qual deles é?

— O Zeke é o bebé —, disse Peabody com tamanha admiração que Eve não resistiu a sorrir.

— Grande bebé. Mede quanto, 1,97m?

— E meio —, disse ele com um sorriso tímido.

— Sai ao nosso pai. São os dois altos e magros. — Peabody deu um aperto valente ao irmão. — O Zeke faz peças em madeira. Faz mobílias e armários lindíssimos.

— Ora, Dee. — Se antes estava levemente ruborizado, agora estava corado. — Sou apenas um carpinteiro. Tenho jeito com as ferramentas, só isso.

— Agora vê-se muito disso —, murmurou Eve.

— Porque não me disseste que vinhas a Nova Iorque? — perguntou Peabody.

— Queria surpreender-te. Só há dois dias é que tive a certeza que vinha.

Ele passou a mão sobre o cabelo de Peabody de um modo que levou Eve a pensar novamente nas relações. Algumas delas não tinham a ver com sexo ou poder nem controlo. Algumas tinham apenas a ver com amor.

— Umhas pessoas que viram o meu trabalho em Arizona encomendaram-me uns armários por medida.

— Isso é ótimo. E vai demorar quanto tempo?

— Só saberei quando acabar.

— Está bem, então ficas em minha casa. Dou-te a chave e digo-te como chegas lá. Tens de apanhar o Metro. — Peabody mordeu o lábio. — Não andes por aí às voltas, Zeke. Isto não é como a nossa terra. E trazes o dinheiro e a identificação no bolso de trás porque...

— Peabody. — Eve ergueu um dedo para chamar a atenção. — Tira o resto do dia de folga, ajuda o teu irmão a instalar-se.

— Não quero causar incómodo —, preferiu Zeke.

— Vai causar mais incómodo se ela estiver com receio que você seja assaltado seis vezes antes de chegar ao apartamento dela. — Eve juntou um sorriso para atenuar, apesar de já ter decidido que este tinha aspeto de alvo fácil. — Também não temos muito trabalho.

— O caso Cooke.

— Acho que consigo tratar disso sozinha —, disse Eve suavemente. — Se surgir alguma coisa, eu aviso-te. Vai mostrar as maravilhas de Nova Iorque ao Zeke.

— Obrigada, Dallas. — Peabody pegou na mão do irmão, jurando garantir que ele não veria o lado mais sórdido dessas maravilhas.

— Prazer em conhecê-la, Tenente.

— Iguamente. — Eve viu-os sair, Zeke dobrando ligeiramente o corpo em direção a Peabody enquanto esta fervilhava de afeto fraterno.

Famílias, pensou Eve. Continuava a não compreendê-las. Mas era bom ver que ocasionalmente funcionavam.

— Toda a gente adorava o J.C. — Chris Tipple, o assistente executivo de Branson, era um homem com cerca de 30 anos, com uma cor de cabelo parecida com as extremidades vermelhas e inflamadas dos seus olhos. Não conseguia deixar de chorar desalmadamente, as lágrimas a cair-lhe pela cara rechonchuda e agradável. — Toda a gente.

Esse poderá ter sido o problema, pensou Eve, e esperou novamente enquanto Chris esfregou as faces com o seu lenço amarrotado. — Lamento a sua perda.

— É impossível acreditar que ele não voltará a entrar por essa porta. — Este respirava com dificuldade enquanto olhava para a porta fechada da sala grande e clara do escritório. — Nunca mais. Está toda a gente em estado de choque. Quando o B.D. fez o anúncio esta manhã, ninguém conseguia falar.

Este premiu o lenço contra a boca, como se a sua voz falhasse novamente.

Eve sabia que B. Donald Branson era irmão e sócio da vítima e esperou que Chris acabasse.

— Quer um copo de água, Chris? Um calmante?

— Já tomei um calmante. Acho que não adianta. Éramos muito chegados. — Limpando os olhos lavados em lágrimas, Chris não reparou no olhar de consideração de Eve.

— Tinham uma relação pessoal?

— Sim. Trabalhava com o J.C. há quase oito anos. Era muito mais do que o meu patrão. Ele era... como um pai para mim. Peço desculpa.

Visivelmente perturbado, enterrou a cara entre as mãos. — Peço desculpa. O J.C. não queria que eu me fosse abaixo desta forma. Não ajuda nada. Mas não consigo, acho que nenhum de nós consegue aceitar isto. Vamos fechar durante uma semana. A empresa toda. Escritórios, fábricas, tudo. O funeral... — Este afastou-se tentando conter o choro. — O funeral está marcado para amanhã.

— Foi rápido.

— O J.C. não queria que se deixasse arrastar muito tempo. Como é que ela teve coragem de matá-lo? — Este fechou a mão agarrando o pano húmido, olhando para Eve como se ela não estivesse ali. — Como é que ela teve coragem de matá-lo, Tenente? O J.C. adorava-a.

— Conhecia Lisbeth Cooke?

— Claro.

Este levantou-se para andar e Eve ficou grata por isso. Era difícil ver um homem adulto a chorar sentado numa cadeira em formato de elefante cor-de-rosa. Mas ela também estava sentada num canguru roxo.

Era óbvio, ao olhar para o escritório do falecido J. Clarence, que ele gostava de ter os seus brinquedos. As prateleiras que preenchiam uma parede estavam recheadas deles. Desde a estação espacial de controlo remoto simples aos vários mini-droides de multitarefas.

Eve fez o possível para não olhar para os seus olhos mortiços e corpos pequenos. Era muito fácil imaginá-los a ganhar vida e... sabe-se lá que mais.

— Fale-me dela, Chris.

— A Lisbeth. — Chris soltou um suspiro profundo e num gesto ausente ajustou a proteção contra o sol da janela larga atrás da secretária. — É uma mulher linda. Terá comprovado isso pessoalmente. Inteligente, capaz, ambiciosa. Exigente, mas o J.C. não se incomodava com isso. Uma vez disse-me que se não tivesse uma mulher exigente, acabaria por desperdiçar a sua vida.

— Eles passavam muito tempo juntos?

— Duas noites por semana, por vezes três. Às quartas e sábados era certo, jantar e depois teatro ou um concerto. Qualquer evento social que exigisse a presença dele ou dela e almoço à segunda, das 12h30m às 14h00m. Tiravam sempre três semanas de férias em Agosto para ir aonde Lisbeth quisesse e faziam cinco escapadinhas ao fim de semana todos os anos.

— Era muito regimentado, não?

— Lisbeth fazia questão disso. Queria as condições e obrigações de ambas as partes bem definidas e ordenadas. Acho que ela sabia que a cabeça do J.C. tinha tendência para dispersar e queria toda a sua atenção quando estavam juntos.

— Havia mais alguma parte dele que tivesse tendência a dispersar?

— Perdão?

— J.C. estava envolvido com outra pessoa?

— Envolvido... romanticamente? Claro que não.

— E apenas sexualmente?

A cara redonda de Chris ficou rígida e os olhos inchados ficaram gelidos. — Se está a insinuar que J. Clarence Branson era infiel à mulher com quem se comprometera, nada poderia ser mais falso. Ele era louco por ela. E era fiel.

— Tem a certeza disso? Sem qualquer sombra de dúvida?

— Eu tratava de todos os seus compromissos, profissionais e pessoais.

— Será que ele não marcava outros compromissos à parte?

— Isso é um insulto. — Chris levantou a voz. — O homem morreu e você está aí a acusá-lo de ser mentiroso e infiel.

— Não estou a acusá-lo de nada —, corrigiu Eve calmamente. — Estou a perguntar. É minha responsabilidade perguntar, Chris. E conseguir fazer a justiça possível em nome dele.

— Não me agrada o seu método. — Chris virou costas novamente. — O J.C. era bom homem, era honesto. Eu conhecia-o, conhecia os seus hábitos, os seus estados de espírito. Ele não teria tido um caso ilícito e certamente não o conseguiria ter sem que eu soubesse.

— Está bem, fale-me então de Lisbeth Cooke. O que teria ela a ganhar matando-o?

— Não sei. Ele tratava-a como uma princesa, dava-lhe tudo o que ela quisesse. Matou a galinha de ovos de ouro.

— O quê?

— Como a história. — Neste momento ele quase sorriu. — A galinha que punha ovos de ouro. Ele dava-lhe tudo o que ela quisesse com gosto e mais ainda. E agora está morto. Acabou-se a galinha dos ovos de ouro.

A menos, pensou Eve ao sair do escritório, que ela quisesse os ovos todos de uma assentada.

Tendo já consultado o mapa animado no átrio, Eve sabia que o escritório de B. Donald Branson ficava na outra ponta do mesmo piso do escritório de J.C. Com esperança de encontrá-lo, dirigiu-se até lá. Muitos dos postos estavam vazios, a maioria das portas de vidro estavam fechadas com os escritórios por detrás vazios e às escuras.

O próprio edifício parecia estar de luto.

Em intervalos regulares, havia ecrãs holográficos que exibiam os novos produtos ou os preferidos da Branson Tools & Toys. Eve parou perante um, vendo com igual alegria e desânimo um droide de ação polícia fardado a devolver uma criança perdida à sua mãe grata e chorosa.

O polícia olhou para o ecrã, de cara sóbria e fiável, a farda tão rigidamente passada como a de Peabody. — A nossa função é servir e proteger.

Depois a imagem recuou, rodou lentamente para dar ao espetador uma visão de 360° do produto e acessórios enquanto a voz do computador informava acerca dos detalhes do produto e do preço. Oferecia-se um droide ladrão de rua com patins aéreos na compra do produto.

Abanando a cabeça, Eve virou costas. Ficou a pensar se a empresa produzia droides de AR ou traficantes ilegais. Talvez só alguns psicopatas, só para manter o jogo interessante. Depois seriam precisos droides-vítimas, obviamente.

Caramba.

As portas de vidro transparentes abriram-se à medida que Eve se aproximou. Uma mulher pálida e de olhar cansado trabalhava numa consola em forma de U e atendia chamadas com auscultadores.

— Muito obrigada. A sua chamada está a ser gravada e as suas condolências serão transmitidas à família. O funeral do Sr. Branson está marcado para amanhã às 14h00m em Quiet Passages, Central Park South. Sim, é um grande choque. Uma grande perda. Obrigada por ter telefonado.

Esta desviou o microfone e presenteou Eve com um sorriso sóbrio. — Lamento, mas o Sr. Branson não está disponível. Estes escritórios estarão fechados até à próxima terça.

Eve tirou o seu distintivo. — Sou a inspetora principal da investigação ao homicídio do irmão dele. Ele está?

— Tenente. — A mulher tocou brevemente com os dedos nos olhos e depois levantou-se. — Um momento, por favor.

Esta deslizou graciosamente para fora da consola e após bater rapidamente à grande porta branca, desapareceu no seu interior. Eve ouviu o barulho ténue de chamadas a chegar na ligação de multilinhas quando a porta se voltou a abrir.

— Por favor, entre, Tenente. O Sr. Branson vai recebê-la. Deseja alguma coisa?

— Não, obrigada, estou bem assim.

Eve entrou no escritório. A primeira coisa que reparou foi na diferença drástica entre os escritórios dos dois irmãos. Este tinha cores suaves, linhas elegantes, uma sofisticação rica. Não havia cá cadeiras ridículas em forma de animais nem bonecos droides a sorrir. Aqui os cinzentos e azuis

discretos destinavam-se a acalmar. E a superfície larga da secretária, sem quaisquer enghocas, estava a postos para negociações.

B. Donald Branson estava atrás dessa secretária. Não tinha o porte do irmão, era um homem magro de fato com corte moderno. O seu cabelo era de um tom dourado baço, penteado para trás de uma testa alta. As suas sobrancelhas, grossas e pontiagudas, sobre uns olhos de um verde pálido, eram um pouco mais escuras.

— Tenente Dallas, é gentil da sua parte vir pessoalmente. — A sua voz era tão calma e relaxante como a divisão. — Tencionava contactá-la para lhe agradecer a amabilidade de ter telefonado ontem à noite para me informar da morte do meu irmão.

— Peço desculpa por incomodar num momento como este, Sr. Branson.

— Não, por favor. Sente-se. Estamos todos a tentar lidar com a situação.

— Deduzo que o seu irmão era muito estimado.

— Era adorado —, corrigiu ele enquanto se sentaram. — Era impossível não adorar o J.C. É por isso que é tão difícil imaginá-lo morto, ainda mais desta forma. A Lisbeth era como se fosse da família. Meu Deus. — Este olhou para o lado durante um momento, tentando compor-se.

— Peço desculpa —, conseguiu ele proferir. — Em que posso ajudá-la?

— Sr. Branson, vou despachar isto o mais depressa possível. A Sra. Cooke afirma ter descoberto que o seu irmão andava envolvido com outra mulher.

— O quê? Isso é um absurdo. — Branson rejeitou a ideia agitando violentamente a mão. — O J.C. era louco pela Lisbeth. Nunca olhou para outra mulher.

— Se isso é verdade, porque é que ela o matou? Eles costumavam ter discussões violentas?

— O J.C. era incapaz de manter uma discussão durante cinco minutos —, disse Branson penosamente. — Não tinha a ver com ele. Não era uma pessoa violenta e muito menos mulherengo.

— Acha que ele não se poderia ter interessado por outra pessoa?

— Se se interessou, o que é difícil de acreditar, teria contado à Lisbeth. Teria sido sincero com ela e acabado a relação deles antes de iniciar outra. O J.C. tinha padrões de honestidade quase infantis.

— Se eu aceitar isso, tenho de procurar o motivo. O senhor e o seu irmão eram co-presidentes. Quem herdará a parte dele?

— Eu. — Este uniu as mãos sobre a secretária. — O nosso avô fundou esta empresa. O J.C. e eu há mais de trinta anos que estávamos à frente da empresa. No nosso acordo está estipulado que o sobrevivente ou o herdeiro do sobrevivente herda a sociedade.

— Ele podia ter deixado uma parte a Lisbeth Cooke?
— Da empresa não, temos contrato.
— E dos fundos e ações pessoais dele?
— Naturalmente ele era livre de deixar uma parte ou todos os seus bens pessoais a quem bem entendesse.
— E é um património substancial?
— Sim, eu diria que é substancial. — Depois abanou a cabeça. — Acha que ela o matou por dinheiro? Não acredito nisso. Ele foi sempre muito generoso com ela e a Lisbeth é... bem, é um membro bem remunerado desta empresa. Não o terá matado por dinheiro.
— É uma hipótese de investigação —, limitou-se Eve a dizer. — Gostaria de saber o nome do advogado dele e agradeceria que me providenciasse os termos do testamento.
— Sim, claro. — Ele bateu com um dedo no tampo da secretária e abriu-se a gaveta do meio. — Tenho aqui um dos cartões da Suzanna. Vou contactá-la imediatamente —, acrescentou ele, levantando-se ao mesmo tempo que Eve para lhe entregar o cartão. — Diga-lhe para lhe fornecer todas as informações de que necessitar.
— Obrigada pela sua colaboração.
Eve olhou para a sua unidade de pulso ao sair. Provavelmente conseguia reunir-se com a advogada ao meio-dia, decidiu. E como tinha algum tempo, porque não ir à loja do Arranjas?

Peabody desviou dois dos três sacos de compras e comida que comprara a caminho de casa e tirou a chave. Abastecera-se de fruta e legumes frescos, mistura de soja, tofu, feijão seco e o arroz integral que detestava desde pequena.

— Dee. — Zeke pousou o único saco que enchera para trazer para Nova Iorque e acrescentou os dois sacos da irmã ao que já trazia. — Não devias ter comprado tanta coisa.

— Lembro-me que comes bem. — Ela sorriu para Zeke olhando sobre o ombro e não acrescentou que a sua despensa era composta de coisas que nenhum Free-Ager respeitável ponderaria consumir. Aperitivos cheios de gordura e químicos, substitutos de carne vermelha, álcool.

— É um roubo o preço da fruta fresca aqui e não me parece que essas maçãs que compraste tenham sido apanhadas nos últimos dez dias. — Para além disso duvidava seriamente que fossem de cultura biológica.

— Bem, não temos muitos pomares em Manhattan.

— Mesmo assim, devias ter-me deixado pagar.

— Eu vivo aqui e tu foste a primeira pessoa da família a visitar-me. — Ela abriu a porta e voltou-se para pegar nos sacos.

— Tem de haver cooperativas de Free-Agers por aqui.

— Na verdade eu não vou a cooperativas nem faço troca de géneros. Não tenho tempo. Ganho um salário decente, Zeke. Não faças alarido. Seja como for... — Ela soprou o cabelo que lhe caíra sobre os olhos. — Entra. Não é grande coisa, mas agora é o meu lar.

Ele entrou atrás de Peabody, perscrutou a sala de estar com o sofá deformado, mesas atafalhadas e litografias berrantes. A persiana estava descida, algo que ela se apressou a corrigir.

A vista não era grande coisa, mas Peabody gostava do reboliço na rua lá em baixo. Quando a luz entrou disparada, ela reparou que o apartamento estava tão desordenado como a rua lá fora.

E lembrou-se abruptamente que deixara um texto de disco sobre a mente do homicida em série no seu computador. Teria de o tirar e esconder em algum lado.

— Se soubesse que vinhas, tinha dado uma arrumadela a isto.

— Porquê? Em casa nunca arrumavas o teu quarto.

Ele sorriu para Peabody e dirigiu-se à pequena cozinha para pousar

o saco da comida. Na verdade, ficou aliviado por constatar que a casa era a cara dela. Constante, despreziosa, básica.

Ele reparou que a torneira pingava lentamente e a bancada estava empolada. Pensou que lhe podia consertar aquilo. Mas espantava-o que ela ainda não o tivesse feito.

— Eu faço isto. — Ela tirou o casaco, o boné e aproximou-se dele pelas costas a correr. — Vai pôr as tuas coisas no quarto. Eu durmo no sofá enquanto cá estiveres.

— Nada disso. — Ele já estava a abrir portas de armários para guardar as coisas. Se ficou chocado com o que ela tinha na despensa, especialmente o saco vermelho e amarelo vivo da Tasty Tater Treats, não se pronunciou. — Eu durmo no sofá.

— É sofá-cama, bastante grande. — Peabody pensou que deveria ter lençóis lavados para o sofá. — Mas está deformado.

— Eu durmo em qualquer lado.

— Eu sei, lembro-me das viagens em que íamos acampar. Se tiveres um cobertor e uma rocha, de mais não precisas. — Rindo-se, ela abraçou-o e premiu a face contra as costas dele. — Caramba, estava com tantas saudades tuas. Tive mesmo muitas saudades.

— Nós, a mãe, o pai e a família toda, tínhamos esperança que fosses passar o Natal a casa.

— Não consegui. — Peabody recuou ao voltar-se. — As coisas complicaram-se. — E ela não lhe falaria disso, não lhe contaria o que se estava a passar, o que acontecera. — Mas em breve arranjo tempo para ir, prometo.

— Estás diferente, Dee. — Ele tocou-lhe na face com a sua mão grande. — Tens um ar oficial. Estável. Feliz.

— Estou feliz. Adoro o meu trabalho. — Peabody levou a sua mão à dele e pressionou-a. — Não sabia como te explicar, como te fazer compreender.

— Não é preciso. Eu vejo. — Ele tirou um conjunto de seis tubos de sumo e abriu o pequeno frigorífico. Compreender nem sempre era a solução. Ele tinha noção disso. Aceitar é que era. — Sinto-me mal por te afastar do trabalho.

— Não te sintas mal, já não tiro folga há... — Ela abanou a cabeça enquanto enfiava caixas e sacos em prateleiras. — Chiça, sei lá quanto tempo. A Dallas não me teria dado folga se estivéssemos apertados com trabalho.

— Gosto dela. É forte, com recantos obscuros. Mas não é rígida.

— Tens razão. — De cabeça inclinada, Peabody voltou-se para ele. — E o que te disse a mãe acerca de espreitares auras sem consentimento?

Ele corou ligeiramente e sorriu. — Ela é responsável por ti. Não olhei atentamente e gosto de conhecer quem cuida da minha mana mais velha.

— A tua mana mais velha está a sair-se muito bem sozinha. Porque não vais desfazer a mala?

— Isso demora uns dois minutos.

— É o dobro do tempo que demorei a mostrar-te a casa toda. — Peabody pegou-lhe no braço e conduziu-o através da sala de estar até ao quarto.

— É basicamente isto. — Uma cama, uma mesa e um candeeiro, uma janela. A cama estava feita, fruto do hábito e da sua formação. Em cima da mesinha de cabeceira tinha um livro. Peabody nunca compreendera porque alguém gostava de adormecer com uma unidade ou disco de palma. Mas por se tratar de um policial sinistro, ela pestanejou quando Zeke o folheou.

— Até nas folgas trabalhas?

— Acho que sim.

— Sempre gostaste destas coisas. — Ele voltou a pousar o livro. — É uma questão de bem e mal, não é, Dee? E o bem deve ganhar no final.

— Para mim é assim que funciona.

— Mas então, para que existe o mal?

Peabody poderia ter suspirado, pensando em tudo o que já vira, o que já fizera, mas manteve o seu olhar bem centrado no dele. — Ninguém tem resposta para essa pergunta, mas temos de saber que ele existe e lidar com ele. É isso que eu faço, Zeke.

Ele assentiu com a cabeça e estudou a cara de Peabody. Ele sabia que era diferente da rotina que ela tinha quando se mudou para Nova Iorque e vestiu a farda. Aguentou incidentes de trânsito, resolução de discussões e burocracia. Agora estava ligada à Brigada de Homicídios. Lidava com a morte todos os dias e convivia com os homicidas.

Sim, ela parecia diferente, reconheceu Zeke. As coisas que vira, fizera e sentira estavam lá por detrás daqueles olhos escuros e sérios.

— És boa naquilo que fazes?

— Muito. — Peabody agora sorriu um pouco. — Vou ser ainda melhor.

— Estás a aprender com ela, com a Dallas.

— Sim. — Peabody sentou-se na berma da cama e olhou para cima, para o irmão. — Antes de me tornar assistente dela, eu estudei-a. Li as pastas dela, decorei a sua técnica. Nunca pensei conseguir trabalhar com ela. Talvez tenha sido sorte, talvez tenha sido destino. Aprendemos a respeitar ambas as coisas.

— Sim. — Ele sentou-se ao lado dela.

— Ela dá-me a oportunidade de descobrir aquilo que consigo fazer. Aquilo que posso ser. Peabody inspirou profundamente e expirou lenta-

mente. — Zeke, fomos criados para seguimos o nosso caminho, para lutar por ele e fazermos o nosso melhor. É isso que estou a fazer.

— Achas que eu não concordo, que não entendo.

— Preocupo-me com isso. — Peabody deixou a mão deslizar até ao atordoante que trazia preso ao cinto. — Com o que tu, tu em especial, sentes.

— Não te devias preocupar. Não tenho de compreender aquilo que fazes para saber que é isso que precisas de fazer.

— De todos nós, sempre foste o mais descomplicado, Zeke.

— Nada disso. — Ele bateu com o ombro contra o dela. — Quando se é o filho mais novo, acabamos por ver como todos os outros fazem asneira. Posso tomar um duche?

— Claro. — Peabody deu-lhe uma palmadinha na mão e levantou-se. A água demora algum tempo a aquecer.

— Não tenho pressa.

Quando ele pegou na mala e entrou na casa de banho, Peabody foi direita à teleligação da cozinha, telefonou a Charles Monroe e deixou-lhe mensagem a cancelar o encontro dessa noite.

Por muito sensato, mente aberta e adulto que parecesse, Peabody não via o seu mano mais novo a aceitar a sua relação informal, e ultimamente incoerente, com um acompanhante registado.

Teria ficado surpreendida com o quão compreensivo o seu mano seria. Sob o chuveiro, este deixou a água quente levar a vaga rigidez da viagem e pensou numa relação que não era, não podia ser, uma relação. Pensava numa mulher. E dizia a si mesmo que não tinha o direito de pensar nela.

Ela era casada e patroa dele.

Não tinha o direito de pensar nela de outro modo, muito menos de sentir um calor inquietante nas suas entranhas por saber que muito em breve a veria novamente.

Mas não conseguia apagar a imagem da cara dela da sua mente. A sua beleza pura. Os olhos tristes, a voz meiga, a dignidade discreta. Disse a si mesmo que se tratava de uma paixoneta ridícula, até mesmo infantil. Terrivelmente inadequada. Mas não lhe restava outra opção senão admitir aqui, em privado, onde a honestidade mais era valorizada, que ela fora uma das principais razões que o levaram a aceitar o trabalho e a viajar para leste.

Ele queria revê-la, por muito que esse desejo o envergonhasse.

Mas não era criança nenhuma, crente de que pudesse ter tudo o que necessitasse.

Seria bom para ele vê-la ali, na sua casa, com o marido. Zeke gostava de pensar que a sua paixão se devia às circunstâncias em que se conhece-

ram, ao local. Ela estava só, tão obviamente só, e parecera tão delicada, tão serena e dourada no calor do deserto profundo.

Aqui seria diferente porque ela seria diferente aqui. E ele também. Faria o trabalho que ela lhe pedira, nada mais. Passaria tempo com a irmã de quem tinha tantas saudades que por vezes lhe doía o coração. E finalmente veria a cidade e o trabalho que a levava para longe da família.

Desde já admitia que a cidade fascinava-o.

Enquanto se enxugava com a toalha, tentou olhar pela minúscula janela embaciada. Mesmo essa vista enevoadada e estreita fez o seu sangue ser bombeado mais depressa.

Era tantas coisas. Não era a vastidão aberta do deserto, da montanha e campo à qual se habituara desde que a sua família se mudara para o Arizona alguns anos antes. Mas havia tanta coisa apinhada num espaço mínimo.

Ele queria ver tantas coisas. Queria fazer tantas coisas. Ao vestir uma camisa e calças lavadas, começou a especular, a engendrar e planear. Quando entrou na sala de estar, estava desejoso de começar.

Viu a sua irmã atarefada a arrumar e sorriu. — Assim fazes-me sentir uma visita.

— Bem... — Ela guardou todos os discos e ficheiros relacionados com homicídios e casos que encontrou. Teria de ficar como estava. Peabody olhou para ele e pestanejou.

Uau, foi apenas o que lhe ocorreu pensar. Porque não notara no primeiro instante de prazer ao vê-lo? O seu mano mais novo crescera. E era um verdadeiro consolo para os olhos. — Estás com bom aspeto, encorpaste.

— Só vesti uma camisa lavada.

— Sim. Queres um sumo, chá?

— Ah... queria muito sair. Trouxe um guia comigo. Vim a estudá-lo na viagem. Sabes quantos museus há só em Manhattan?

— Não, mas aposto que tu sabes. — Dentro dos seus sapatos de polícia, Peabody enrolou e fletiu os dedos dos pés. Os seus pés estavam prestes a fazer exercício, decidiu ela. — Deixa-me mudar de roupa e vamos aos museus.

Uma hora depois estava grata quase ao ponto de chorar pelas solas aéreas, pela lã espessa e macia das suas calças e o forro do seu casaco de inverno. Zeke não queria ver só museus, queria ver tudo.

Gravou vídeos com a unidade de palma que comprara para a viagem, segundo ele lhe disse. Por várias vezes lha teriam roubado se ela não se tivesse mantido atenta aos ladrões de rua. Por muito que lhe dissesse para ter cuidado, para reconhecer os sinais e os gestos, ele limitava-se a sorrir e acenar com a cabeça.

Foram até ao topo do Empire State Building e apanharam com o ven-

to gélido e cortante até Peabody deixar de sentir os lóbulos das orelhas. E os olhos de um cinza pálido de Zeke brilharam perante a vista admirável. Andaram pelo Met, ficaram boquiabertos em frente às montras de Fifth Avenue, olharam para os aeroplanos com turistas, andaram aos solavancos em deslizas aéreos e comeram *pretzels* secos que ele insistira em comprar num carrinho ambulante.

Somente um amor profundo e duradouro a teria convencido a deslizar pelo ringue de gelo de Rockefeller Center quando os seus músculos da barriga da perna já se queixavam após três horas a andar pela cidade.

Mas ele fê-la recordar aquilo que a cidade tinha de deslumbrante, ver tudo aquilo que tinha para oferecer. Ela percebeu, ao vê-lo pasmar-se tantas vezes, que se esquecera de olhar.

E se tivesse de mostrar o distintivo que trazia guardado no bolso do casaco a um aldrabão perspicaz à procura de enganar um turista, isso não estragaria o dia.

Ainda assim, quando finalmente o convenceu a parar para beberem algo quente e comerem, decidiu que era imperativo delinear coisas bastante específicas que devia e não devia fazer. Ele iria passar muito tempo por sua conta quando não estivesse a trabalhar, pensou Peabody. Podia ter vinte e três anos, mas tinha tanta fé ingénua no Homem como uma criança de cinco anos protegida.

— Zeke. — Ela aqueceu as mãos numa tigela de sopa de lentilhas e tentou não pensar no hambúrguer de soja que espiara no menu. — Temos de falar no que vais fazer quando eu estiver a trabalhar.

— Vou estar a fazer armários.

— Sim, mas o meu horário é... — Peabody gesticulou vagamente. — Nunca se sabe. Vais passar muito tempo por tua conta, por isso...

— Não tens de te preocupar comigo. — Ele sorriu para ela e comeu a sua sopa. — Não é a primeira vez que saio da quinta.

— Nunca cá estiveste.

Zeke recostou-se e lançou-lhe aquele olhar exasperado que os irmãos reservam para as irmãs chatas. — Trago o dinheiro no meu bolso da frente. Não falo com pessoas que tragam aquelas malas cheias de unidades de pulso e computadores de palma pessoais e não me aproximo de quem esteja a jogar aquele jogo de cartas que vimos em Fifth Avenue, ainda que pareça ser divertido.

— É vigarice, não vais conseguir ganhar.

— Mesmo assim, parecia divertido. — Mas ele não insistiria nisso, especialmente pela linha que se gravara entre as sobrancelhas de Peabody. — Não vou meter conversa com ninguém no Metro.

— Não com um toxicod dependente que quer dinheiro para a dose. —

Ela revirou os olhos. — Chiça, Zeke, o tipo estava completamente alterado. Esquece. — Peabody descartou o assunto com um aceno de mão. — Não estou à espera que te tranques no apartamento nas tuas horas livres. Só quero que tenhas cuidado. Esta é uma cidade fantástica, mas engole pessoas todos os dias. Não quero que sejas uma delas.

— Vou ter cuidado.

— E vais restringir-te às principais áreas turísticas e vais levar a tua teleligação de palma?

— Sim, mãe. — Ele voltou a sorrir para ela e pareceu tão jovem que o coração de Peabody soluçou. — Então, preparada para o passeio aéreo sobre Manhattan?

— Claro. — Peabody conseguiu sorrir em vez de se contrair. — Mais do que preparada. Podemos ir mal acabemos de comer. — Ela comeu calmamente a sopa. — Quando tens de começar o trabalho?

— Amanhã. Ficou tudo combinado antes de me vir embora. Aprovaram os planos, os orçamentos. Pagaram-me a viagem e as despesas.

— Disseste que viram o teu trabalho quando estavam de férias no Arizona?

— Ela viu. — Só de pensar nisso a sua pulsação acelerou. — Comprou uma das peças que fiz para a Camelback Cooperative Artworks. Depois ela e a Silvie – acho que nunca conhecestes a Silvie, faz peças em vidro. Ela nesse dia estava responsável pela cooperativa e mencionou que eu concebera e fizera os armários, bancadas e louceiros. Depois quando a Sra. Branson mencionou que ela e o marido andavam à procura de um carpinteiro...

— O quê? — Peabody ergueu a cabeça num pulso.

— Andavam à procura de um carpinteiro...

— Não, qual foi o nome que disseste? — Peabody agarrou na mão dele e premiu-a contra a mesa. — Disseste Branson?

— Isso mesmo. Fui contratado pelos Branson. Sr. e Sra. Donald Branson. Ele é dono das ferramentas Branson T&T.

— Pois. — Peabody pousou a colher. — Merda, Zeke.

A loja do Arranjas era uma mancha numa área que não era conhecida por ser limpa. Junto a Ninth Avenue, não chegava a um quarteirão da entrada para o túnel, o estabelecimento do Arranjas era uma loja cuja fachada delapidada estava minada de grades de segurança, coberta de intercomunicadores e lentes de vigilância e era tão convidativa como uma barata.

As montras fumadas proporcionavam aos transeuntes uma perspetiva suja e negra. A porta era de aço reforçado, com uma série complicada de fechaduras que fazia o selo da Polícia parecer uma piada.

As pessoas que vagueavam pela área sabiam como deviam meter-se

na sua vida, que normalmente era assaltando. Bastou olhar uma vez para Eve para a maioria arranjar outra coisa que fazer e outro lugar onde o fazer.

Eve usou a sua chave-mestra no selo da Polícia, aliviada pela equipa de criminologia não ter bloqueado as fechaduras do Arranjas. Ao menos não teria de perder tempo a descodificá-las. Isso fê-la pensar em Roarke e no tempo que este demoraria a abri-las.

Dado que uma parte dela teria gostado de o ver a fazer precisamente isso, Eve resmungou ao entrar e fechou a porta.

Eve concluiu que o cheiro não era horrível, mas quase. Suor, gordura, café de má qualidade, urina velha. — Ligar todas as luzes — ordenou ela para depois semicerrar os olhos perante a luminosidade repentina.

O interior da loja era tão alegre como o exterior. Não havia uma única cadeira que convidasse um cliente a sentar-se e descontraír. O chão, o verde nauseante de vômito de bebé, denotava a sujidade e cicatrizes de décadas de uso. A forma como as suas botas ficavam coladas e faziam ruídos de sucção enquanto esta andava revelava-lhe que o falecido não dedicava muito tempo a limpar o chão.

Prateleiras de metal cinzento ascendiam por uma parede e estavam apinhadas num sistema que desafiava toda a lógica.

Mini-ecrãs, câmaras de segurança, ligações portáteis, registos de secretária, sistemas de comunicação e entretenimento amontoados em fases variadas de reparação ou recolha.

Apinhadas do outro lado da sala havia mais unidades que lhe pareceram concluídas, uma vez que o letreiro escrito à mão por cima destas avisava que a recolha tinha de ser feita dentro de trinta dias, senão o cliente perderia a mercadoria.

Eve contou cinco letreiros Sem Crédito Atribuído numa divisão com pouco mais de quatro metros e meio de largura.

O sentido de humor do Arranjas, à falta de um termo melhor, refletia-se no crânio humano pendurado sobre a balcão da caixa. O letreiro sob o maxilar descaído dizia O Último Que Roubou a Loja.

— Sim, é de cair para o lado a rir —, murmurou Eve para depois expirar um suspiro.

Apercebeu-se que o local lhe causava arrepios. A única janela ficava atrás dela e tinha grades. A única porta para a rua estava cravada de fechaduras. Eve olhou para cima e estudou o monitor de segurança. Fora deixado ligado e permitia-lhe uma visão completa da rua. Noutro monitor de vigilância do interior, podia estudar-se a si mesma no ecrã perfeitamente nítido.

Concluiu que alguém só entraria ali se o Arranjas quisesse.

Tomou nota para pedir ao Sally da Polícia de Nova Jérсия cópias dos discos de segurança, tanto do exterior como do interior.

Dirigiu-se ao balcão e reparou que o computador que ali se encontrava era um híbrido feio, feito com peças resgatadas. E muito provavelmente era muito mais rápido, eficiente e fiável do que o computador que tinha no seu gabinete na Central de Polícia, concluiu Eve.

— Ligar computador.

Quando nada aconteceu, ela fez uma careta e tentou iniciá-lo manualmente. O ecrã brilhou.

Aviso: Esta unidade está protegida com um sistema de segurança. Introduza o código ou senha correta dentro de trinta segundos após esta mensagem ou desligue.

Eve desligou-o. Iria confirmar se Feeney, chefe da Divisão de Inspector Eletrónico, tinha tempo e vontade de tratar do assunto.

No balcão não havia mais nada, apenas dedadas gordurosas, o brilho baço deixado pelos técnicos e peças espalhadas que Eve não conseguia identificar.

Esta descodificou a porta que dava para as traseiras e entrou na oficina do Arranjas.

O tipo bem precisava de uma mão-cheia de duendes, pensou Eve. O local estava uma confusão, cheio de restos de dezenas de dispositivos eletrónicos espalhados. Havia ferramentas penduradas em pregos ou largadas ao acaso. Minilasers, pinças delicadas e chaves de fendas com peças pouco maiores do que um fio de cabelo.

Se tivesse sido atacado aqui, como se conseguiria perceber?, pensou ela, abanando a caixa de um monitor com a sua bota. Mas Eve não achava que ele tivesse sido atacado ali. Só lidara com o Arranjas algumas vezes e há alguns anos que não o via, mas lembrava-se que ele não tinha cuidado com a loja nem com a sua própria pessoa.

— E não teriam entrado nestas masmorras se ele não quisesse —, murmurou ela. O homem era extremamente paranoico, pensou Eve, verificando mais monitores por cima dela. Cada centímetro deste espaço e vários metros do exterior da loja estavam sob constante vigilância.

Não, não o levaram do interior da loja, concluiu ela. Se estava em pânico, como dissera Ratso, teria tido ainda mais cuidado. Ainda assim não se sentiu suficientemente seguro para se barricar dentro da loja e esperar. Por isso telefonou a um amigo.

Eve entrou no pequeno quarto contíguo e perscrutou a confusão da sala de estar do Arranjas. Uma cama com lençóis amarelados, uma mesa com um centro de comunicação improvisado, uma pilha de roupa por lavar e uma casa de banho estreita que quase não tinha espaço para o delgado polibã e para a sanita.

A *kitchenette* era um espaço razoável com um AutoChef completo e

um minifrigorífico a rebentar pelas costuras. Havia comida enlatada e seca empilhada numa parede até à altura da cintura dela.

— Chiça, ele podia ter sobrevivido aqui durante um ataque de extraterrestres. Porque é que saiu para ser morto?

Abanando a cabeça, meteu os polegares nos bolsos e girou lentamente.

Não havia janelas, portas para o exterior, reparou ela. Ele vivia numa caixa. Eve estudou o monitor do outro lado da cama e viu o tráfego deslocar-se por Ninth Avenue. Não, corrigiu ela. Aquilo eram as janelas dele.

Eve fechou os olhos e tentou imaginá-lo ali, recorrendo à imagem que retivera dele. Magro, grisalho, velho. Mau.

Estava com medo, por isso foi rápido, pensou ela. Só levou aquilo de que precisava. É um ex-militar. Sabe como levantar acampamento depressa. Alguma roupa, algum dinheiro. Não tinha dinheiro suficiente para desaparecer por uns tempos, percebeu ela. Nem de perto nem de longe.

Ganância, pensou Eve. Era outra faceta do homem. Fora ganancioso, guardara o seu dinheiro, cobrava mais do que devia aos clientes que lhe pagavam por ter mãos mágicas.

Teria levado dinheiro vivo, créditos, chaves-passe bancárias e de coretagem.

E a mala dele? Teria feito uma mala. Também podia estar no rio, decidiu ela, enganchando os polegares nos bolsos da frente. Ou teria sido levada por quem o matou.

— Ele teria levado dinheiro —, pensou ela em voz alta. — Uma coisa é certa, não o gastava em decorações para a casa nem na higiene pessoal ou melhorias.

Iria investigar as suas finanças.

Faz a mala. Vai desaparecer por uns tempos, pensou ela novamente. O que coloca na mala?

Teria levado uma ligação de palma, um computador de palma pessoal. Queria levar os registos, as ligações. E as armas.

Saiu da divisão e voltou a espreitar sob o balcão. Encontrou um suporte vazio com uma barra de abertura fácil. Agachada, semicerrou os olhos enquanto o analisou. Será que o sacana do velho tinha mesmo uma detonadora ilegal? Seria aquilo uma espécie de armeiro? Eve iria verificar o relatório dos criminologistas para ver se confiscaram uma arma.

Ela soltou um suspiro assobiado e pegou no suporte para o examinar. Não fazia ideia de como era uma detonadora do Exército da altura das Guerras Urbanas.

Depois suspirou e colocou o suporte na sua mala de provas. Eve sabia onde encontrar uma.

Como queria falar pessoalmente com Feeney, Eve voltou para a Central de Polícia. Apanhou o desliza para a DIE, fazendo uma paragem para comprar uma barra nutritiva numa máquina de venda automática.

A Divisão de Inspetor Eletrónico fervilhava de atividade. Agentes trabalhavam em computadores, desmontando e reconstruindo-os. Outros estavam sentados em cabinas privadas a passar ou a copiar discos de teleligações ou registos confiscados. Ainda assim, os toques e campainhas e lamúrias dos aparelhos eletrónicos enchiam o ar e faziam-na pensar como alguém conseguia pensar ali.

Apesar do nível de ruído, a porta do gabinete do Capitão Ryan Feeney estava aberta. Este estava sentado à sua secretária, com as mangas da camisa arregaçadas até ao cotovelo e o cabelo como arame cor da ferrugem espetado, os enormes olhos descaídos por detrás das lentes dos óculos microscópicos. Enquanto Eve observava da porta, este tirou um pequeno circuito integrado translúcido das entranhas do computador numa ponta da sua secretária.

— Apanhei-te, seu sacaninha. — E com a delicadeza de um cirurgião, este enfiou o circuito integrado num saco de provas.

— O que é isso?

— Hah? — Por detrás dos óculos, os seus olhos de cão de caça pestanejaram, depois pôs os óculos na testa e concentrou-se nela. — Olá, Dallas. Este jeitoso? É basicamente um contador. — Feeney identificou o saco e esboçou um ligeiro sorriso. — Uma caixa de um banco com jeito para a eletrónica instalou-o na unidade dela no local de trabalho. A cada vinte transferências, um depósito era feito numa conta que ela abrira em Estocolmo. Muito espertinha.

— És um manhoso.

— Pois sou. O que fazes aqui? — Este continuou a trabalhar enquanto falava, metodicamente identificando as provas. — Apeteceu-te estar com polícias a sério?

— Talvez tenha saudades da tua carinha linda. — Eve encostou uma anca ao canto da secretária dele e sorriu quando ele fungou. — Ou então queria saber se tens algum tempo livre.

— Para quê?

— Lembras-te do Arranjas?

— Claro. Insuportável, mãos mágicas. O filho da mãe é quase tão bom como eu. É capaz de pegar numa unidade como esta, a XK-6000, desmontá-la, tirar as peças e dividi-la por seis outras unidades sem deixar rasto. É bom como o caraças.

— Pois agora está morto como o caraças.

— O Arranjas? — Os seus olhos revelaram um arrependimento genuíno. — O que aconteceu?

— Deu um último mergulho. — Eve inteirou-o rapidamente do sucedido, passando do seu encontro com Ratso até à visita rápida à loja.

— Só algo muito importante e mau conseguiria assustar um velho cavalo de guerra como o Arranjas —, pensou Feeney. — Dizes que não o levaram do interior da loja?

— Diria que isso seria praticamente impossível. Tinha uma vigilância de segurança completa. No interior e no exterior. Um emaranhado de fechaduras. Uma saída reforçada e uma montra de luminex fumado, gradeada. Ah, e verifiquei o abastecimento de comida. Tinha comida enlatada e água engarrafada suficiente que dariam para um homem habituado a rações aguentar um mês à vontade.

— Parece que teria sobrevivido lá dentro a uma invasão.

— Sim. Então, porque fugiu?

— Não faço ideia. O inspetor principal de Jérсия deu-te autorização para averiguares esta hipótese?

— Bem, ele não tem pistas nenhuma. Eu não tenho muito mais —, admitiu Eve. — A história vem do meu informador e ele tem tendência a assustar-se com facilidade. Mas o Arranjas estava metido em alguma e mataram-no. Não entraram na loja, por isso, não tiveram acesso ao equipamento dele. Tem um sistema de segurança na unidade da loja. Eu lembrei-me que podias dar uma olhadela, para tentares entrar.

Feeney coçou a orelha, esticou a mão inconscientemente para agarrar uma mão-cheia de nozes com açúcar numa tigela em cima da secretária.

— Sim, posso fazer isso. Ele deve ter levado os registos dele, se pretendia desaparecer por uns tempos. Mas ele era inteligente. É capaz de ter deixado uma cópia. Vou dar uma vista de olhos.

— Obrigada. — Eve endireitou-se. — Por agora estou só a averiguar. Não contei nada ao Comandante.

— Vamos ver o que encontro primeiro, depois falamos com ele.

— Ótimo. — Eve agarrou em algumas nozes antes de se dirigir à porta. — Quanto é que ela roubou? A caixa do banco?

Feeney olhou para baixo, para o cronómetro microscópico. — Três milhões e uns trocos. Se se tivesse contentado com três milhões e tivesse fugido, talvez tivesse conseguido safar-se.

— Querem sempre mais —, disse Eve.

Foi comendo as nozes a caminho do seu gabinete. No espaço aberto dos inpetores ouvia-se vozes, ofensas e lamúrias de suspeitos, de vítimas a fazer depoimentos, o trinado incessante das teleligações e os gritos e arranhões rápidos de duas mulheres que se agrediam por causa de um homem morto que ambas afirmavam amar.

Eve achou a atmosfera estranhamente relaxante após a sua deslocação à DIE.

Por cortesia profissional, interveio e agarrou uma das mulheres histéricas colocando-lhe o braço à volta do pescoço enquanto o inspetor encarregue se debatia com a outra.

— Obrigado, Dallas. — Baxter sorriu para ela.

Eve limitou-se a esboçar um sorriso de desprezo. — Estava a gostar, não estava?

— Não há nada melhor do que uma bulha entre duas mulheres. — Algemou a mulher a uma cadeira antes que esta se lançasse a ele. — Se tivesse esperado mais um minuto, podiam ter ficado semi-nuas.

— Você é mesmo tarado, Baxter. — Eve debruçou-se para falar ao ouvido da mulher. — Ouviu isto? — murmurou ela, apertando mais a mulher enquanto esta continuava a debater-se como um peixe. — Se voltar a tentar agredi-la, os tipos da esquadra vão divertir-se à vossa custa. É isso que quer?

— Não. — Proferiu a palavra com custo e depois fungou. — Só quero o meu Barry de volta! — choramingou ela.

O sentimento contagiou a outra mulher e a sala encheu-se do choro descontrolado das mulheres. Ao ver Baxter contrair-se, Eve sorriu discretamente e empurrou a mulher de encontro a ele. — Aqui tem, amigo.

— Muito obrigado, Dallas.

Satisfeita com a sua intervenção no pequeno drama, Eve foi para o seu gabinete e fechou a porta. Na paz relativa, sentou-se e contactou Suzanna Day, advogada do falecido J. Clarence Branson.

Após ser transferida de receção para assistente, Eve viu a cara de Suzanna aparecer no ecrã. Era uma mulher de ar astuto com cerca de quarenta anos. Tinha cabelo preto curto e bem penteado em redor de uma cara atraente. A sua pele era tão escura e profunda como ónix, os seus olhos como âmbar-negro. A sua boca séria estava pintada de um carmesim intenso que condizia com a minúscula conta que trespassava a extremidade da sua sobrancelha esquerda.

— Tenente Dallas. O B.D. disse-me que você me contactaria.

— Obrigada por se dispor a falar comigo, Sra. Day. Sabe que sou a inspetora principal do caso de J. Clarence Branson?

— Sim. — A boca dela estreitou-se. — Também sei, por intermédio

de um contato no gabinete da Procuradoria-Geral, que Lisbeth Cooke vai ser acusada de homicídio simples.

— Essa decisão não lhe agrada.

— O J.C. era meu amigo, um bom amigo. Não, não me agrada que a mulher que o matou vá passar umas férias numa cela de primeira classe.

Os advogados da Procuradoria é que fazem os acordos, pensou Eve amarguradamente. E os policiais pagam as favas. — Não me compete a mim fazer essa determinação, apenas recolher todas as provas possíveis. O testamento do Sr. Branson pode ajudar a perceber melhor o caso.

— O testamento será lido esta noite, em casa de B. Donald Branson.

— Já sabe quem são os beneficiários.

— Já. — Suzanna fez uma pausa, parecendo debater-se consigo mesma. — E não posso revelar quaisquer termos antes da leitura oficial, segundo instruções do meu cliente aquando da redação do documento. Estou de mãos atadas, Tenente.

— O seu cliente não esperava ser morto.

— Independentemente disso. Garanto-lhe, Tenente, já estou a contornar barreiras ao insistir que a leitura seja hoje à noite.

Eve ponderou por um momento. — A que horas será?

— Às 19h00m.

— Há algum motivo jurídico que me impeça de estar presente?

Suzanna elevou a sua sobranceira ornamentada. — Não, desde que o Sr. e a Sra. Branson autorizem. Vou falar com eles acerca disso e depois digo-lhe alguma coisa.

— Ótimo. Hoje vou estar no terreno, mas receberei o recado. Só mais uma coisa. Conhecia Lisbeth Cooke?

— Muito bem. Convivia muito com ela e com J.C.

— E qual é a sua opinião?

— É ambiciosa, determinada, possessiva. E ferve em pouca água.

Eve acenou com a cabeça. — Não gostava dela.

— Pelo contrário. Gostava muito dela. Admiro uma mulher que sabe o que quer, que o consegue e o preserva. Ela fazia-o feliz —, acrescentou ela, premindo os lábios um de encontro ao outro enquanto as lágrimas lhe surgiram nos olhos. — Eu depois digo-lhe alguma coisa —, disse ela e desligou a transmissão.

— Toda a gente adorava o J.C. —, murmurou Eve, para depois, abanando a cabeça, começar a juntar as suas coisas. O seu comunicador deu sinal antes desta chegar à porta. Eve tirou-o. — Fala Dallas.

— Tenente.

— Peabody. Julguei que tinhas ido passear pela cidade com o teu irmão.

— Foi mais o contrário. — Peabody revirou os olhos no ecrã. — Já fui ao topo do Empire State Building, andei de desliza duas vezes pelo Silver Palace, estive a olhar pasmada para os patinadores em Rockefeller Center... — Nem sendo vítima das mais cruéis torturas Peabody admitiria que calçou uns patins. — E fiquei com os pés desfeitos a visitar dois museus. Ele está desejoso de fazer a visita aérea sobre Manhattan. Parte daqui a quinze minutos.

— É muita diversão —, comentou Eve ao dirigir-se ao elevador que a levaria até ao carro.

— O Zeke nunca veio à cidade. Tive de impedir que falasse com tudo o que era AR e mendigo na rua. Chiça, Dallas, ele queria jogar ao jogo das três cartas.

Eve sorriu. — Ainda bem que a irmã é polícia.

— A quem o diz. — De seguida suspirou. — Ouça, isto provavelmente não quer dizer nada, mas é estranho e achei que lhe devia contar.

Eve saiu do elevador para a garagem. — O que é?

— Lembra-se que o Zeke disse que veio cá para fazer um trabalho que lhe encomendaram? Para fazer uns armários por medida? Pois é, parece que a encomenda foi do B. Donald Branson.

— Branson? — Eve deteve-se. — O Branson contratou o teu irmão?

— Sim. — Com um olhar abatido, Peabody estudou Eve. — Qual é a probabilidade disto acontecer?

— Reduzida —, murmurou Eve. — Muito reduzida. Como é que o Branson conheceu o Zeke?

— Quem ouviu falar dele foi a esposa. Estava no Arizona num *spa* qualquer, andava às compras e viu o trabalho dele numa das cooperativas de artistas. O Zeke faz muitos trabalhos por medida, encastrados, mobília. É muito bom. Ela perguntou quem tinha sido o artesão e eles puseram-na em contato com o Zeke. Uma coisa levou à outra e ele está cá.

— Parece-me normal e lógico. — Eve entrou no seu carro. — Ele contactou-os desde que chegou?

— Está agora a telefonar-lhes. Quando ele mencionou o nome deles, contei-lhe. Ele achou que devia telefonar à Sra. Branson para saber se ela queria adiar o trabalho.

— Está bem. Não te preocupes com isso, Peabody. Mas depois diz-me como isso ficou. E se ele ainda não lhe disse que a irmã dele é polícia, diz-lhe que guarde essa informação para si.

— Claro. Mas os Branson não são suspeitos. Já temos a homicida.

— Sim, é só uma questão de cautela. Vai lá fazer de guia turística. Até amanhã.

Coincidência, pensou Eve ao sair da garagem. Ela detestava coincidências. Mas por muitas voltas que desse à informação na sua mente, não

encontrava mal nenhum no fato da família da vítima ter contratado o irmão da Peabody para fazer trabalho de carpintaria.

J. Clarence estava vivo quando Zeke fora contratado. Nenhum dos Branson esteve envolvido na morte do mesmo. Não havia como tirar dali outras conclusões.

Por vezes uma coincidência era apenas uma coincidência. Mas ela arremou a informação num canto da sua mente e deixou-a apurar aí.

Ouvia-se música a tocar baixinho quando Eve entrou em casa. Summerset devia estar a entreter-se, concluiu ela ao despir o casaco, enquanto se dedicava a fazer lá o que era que fazia o dia todo.

Atirou o casaco para cima do pilar principal das escadas ao começar a subir. Summerset saberia que ela chegara a casa, pensou Eve. O homem sabia tudo, raios. Também detestava que lhe perturbassem a rotina, fosse lá ela qual fosse. Era improvável que a incomodasse.

Ela virou, desceu o corredor até às portas duplas altas do armeiro de Roarke. Franzindo ligeiramente as sobancelhas, ajeitou a mala no ombro para a fixar melhor. Eve sabia que apenas Roarke, Summerset e ela podiam ter acesso àquela divisão.

A coleção de Roarke era legal... pelo menos, agora era legal. Eve não fazia ideia se todas as armas tinham sido obtidas por meios legais. Tinha sérias dúvidas.

Eve colocou a sua mão esticada na placa de palma, aguardou enquanto a luz verde viva brilhava para lhe tirar a impressão e depois disse o seu nome e, por fim, utilizou o código de chave.

O computador de segurança verificou a identificação dela e as fechaduras abriram-se.

Eve entrou, fechou a porta e exalou demoradamente.

Estavam expostas, com alguma elegância, armas de violência de várias épocas, na grande divisão. Nas paredes, trancadas dentro de vidro, expostas em armários lindos, reluziam armas, facas, lasers, espadas, lanças e maças. Tudo isto era uma prova, pensou Eve, da ambição contínua do Homem em destruir o Homem.

E contudo, sabia que a arma que trazia consigo fazia parte dela como o seu braço.

Lembrou-se da primeira vez que Roarke lhe mostrara aquela divisão, quando o seu instinto e intelecto entraram em conflito. Um dizia-lhe que ele podia ser o homicida que ela procurava, o outro insistia que não era possível.

A primeira vez que ele a beijara fora ali, naquele museu privado de guerra. E outro elemento foi adicionado à sua batalha pessoal: as suas emo-

ções. No que tocava a Roarke, ela nunca conseguira orientar bem as suas emoções.

Passou os olhos por uma caixa de pistolas, que eram ilegais, exceto em coleções como aquela, desde que a Proibição de Armas fora implementada décadas antes. Nada práticas, pensou ela, de tão grandes e pesadas. Letais pela sua propulsão do aço quente na carne.

Eve tinha a certeza de que tirar estes dispositivos fatais da rua salvara vidas. Mas como Lisbeth Cooke provara, havia sempre novas formas de matar. A mente humana nunca se cansava de as engendrar.

Esta tirou o suporte da sua mala e estudou as hipóteses para descobrir qual delas encaixaria ali.

Já reduzira a três tipos de armas de porte lateral quando a porta atrás de si se abriu. Eve virou-se, pretendendo repreender Summerset por interromper, mas foi Roarke quem entrou.

— Não sabia que estavas aqui.

— Hoje fiquei a trabalhar em casa —, disse-lhe ele e elevou uma sobrancelha. Ela parecia um tanto exausta, reparou ele, um pouco distraída. E cativante.

— Deduzo que também vais trabalhar em casa ou andas só a brincar com armas?

— Tenho um caso para resolver, mais ou menos. — Eve pousou o suporte e gesticulou na sua direção. — Já que estás aqui, tens mais jeito para isto do que eu. Preciso de uma detonadora do Exército, estilo Guerras Urbanas, que se encaixe neste suporte.

— Do Exército dos EUA?

— Sim.

— O estilo europeu é um pouco diferente —, comentou ele enquanto se dirigiu a uma vitrina. — Os EUA tinham duas detonadoras portáteis durante esse período, a segunda, já para o final da guerra, era mais leve, mais precisa.

Roarke escolheu uma arma com um cano duplo longo sobreposto e cabo moldado de um cinza baço. — Visão de infra-vermelhos, direcional de busca térmica. O disparo pode ser reduzido apenas para atordoar – o que deixaria um homem de noventa quilos de joelhos, a babar-se durante vinte minutos – ou ajustada para fazer um buraco do tamanho de um punho num rinoceronte enraivecido. Pode ser focado ou disperso, com grande alcance.

Ele virou a arma, mostrando a Eve os controlos de ambos os lados. Eve estendeu a mão, testando o peso quando Roarke lha entregou.

— Não deve pesar mais de dois quilos. Como é carregada?

— Tem um cartão de bateria na coronha. É o mesmo princípio de um cartucho numa automática antiga.

— Hmm. — Eve voltou-se e experimentou-a no suporte. Esta deslizou e encaixou na perfeição, como um pé num sapato confortável. — Parece que acertámos. Há muitas destas armas por aí?

— Isso depende se preferes acreditar no governo dos EUA, que afirma que a vasta maioria foi confiscada aos soldados e destruída. Mas se acreditasses nisso, não serias a cínica que conheço e adoro.

Eve resmungou. — Quero testá-la. Tens um cartão de bateria, não?

— Claro. — Roarke pegou ele mesmo na arma e no suporte, dirigiu-se à parede e abriu o painel. Franzindo um pouco as sobrancelhas, Eve entrou no elevador com ele.

— Não tens de ir trabalhar?

— É por isso que ser patrão é tão bom. — Roarke sorriu consoante ela enganchou os polegares nos bolsos. — Podes explicar-me então o caso?

— Não sei. Provavelmente é uma perda de tempo.

— Não perdemos tempo suficiente juntos.

As portas abriram-se para o campo de tiro do piso inferior com os seus tetos altos e paredes da cor de areia. Nesta zona Roarke não tinha cedido ao seu gosto pelo conforto. A divisão era espartana e eficiente.

Roarke deu ordem para ligar as luzes, colocou o suporte numa bancada na longa consola negra e lustrosa. Tirou um cartão de bateria fino de uma gaveta. Introduziu-o numa ranhura da coronha da arma e abanou rapidamente com a parte recuada da mão.

— Já está carregada —, disse-lhe ele. — Só tens de ativar. Basta tocar com o polegar aqui de lado —, mostrou-lhe Roarke. — Define as preferências e é disparar.

Eve experimentou e acenou com a cabeça. — É rápida, eficiente. Se estivesse preocupado com um ataque, já a terias carregada, a postos. — Experimentou compará-la com o seu coldre. — Com reflexos decentes, consegue-se sacá-la, apontar e disparar em segundos. Quero descarregá-la algumas vezes.

Roarke abriu outra gaveta, tirou tampões para os ouvidos e óculos de segurança. — Holograma ou alvo fixo? — perguntou Roarke enquanto ela se equipava e depois colocou a sua palma no ecrã de identificação, fazendo as luzes da consola brilhar.

— Holograma. Quero dois tipos, um cenário noturno.

Obedientemente, Roarke programou o campo de tiro e depois recostou-se para desfrutar do espetáculo.

Dera-lhe dois homens encorpados que, apesar de tudo, eram bastante ágeis. As suas imagens dirigiram-se a Eve de ambos os lados. Rodando rapidamente, disparou contra ambos.

— Fácil de mais —, queixou-se ela. — Só um paspalho maneta e vesgo é que falharia estes alvos.

— Experimenta novamente. — Roarke fez a reprogramação enquanto ela se equilibrava nos calcanhares e tentou imaginar que era um velho a preparar-se para começar a correr.

O primeiro atacou-a depressa, vindo das sombras, mesmo de frente. Eve desviou-se, disparando agachada e depois rodou num gesto de antecipação. Desta vez esteve mais perto. O segundo homem tinha um bastão de aço erguido e já se preparava para a atingir. Ela escapou-lhe, disparou e desfez-lhe a cara.

— Caramba, adoro ver-te trabalhar —, murmurou Roarke.

— Talvez ele não tenha sido muito rápido —, considerou ela ao levantar-se. — Talvez eles soubessem da detonadora. Mas isso não lhe teria dado vantagem. E eu regulei-a para disparos focados. Se ele tivesse definido grande alcance, teria rebentado com metade do quarteirão de uma vez só.

Para demonstrar, Eve mudou ela mesma a definição e, segurando a arma com ambas as mãos, disparou sobre a cena de rua. O veículo estacionado junto ao passeio oposto foi pelos ares, havia vidros estilhaçados e alarmes estridentes.

— Estás a ver?

— Foi o que eu disse. — Roarke avançou para lhe tirar a arma. O cabelo dela estava todo desgrenhado e na luz fria notavam-se todas as madeixas sobre madeixas, todos os tons sobre tons naquela mistura de castanhos. — Realmente adoro ver-te trabalhar.

— Não se chegaram ao pé dele e limpam-lhe o sebo se ele tinha uma coisa destas —, insistiu ela. — Tiveram de distraí-lo, mandar um engodo ou alguém da confiança dele. Precisaram de tempo suficiente para o apanhar desprevenido sem serem mandados pelos ares entretanto. Ele não tinha veículo e não chamou transporte nenhum. Eu confirmei. Portanto, andou a pé. Armado, a postos, conhecedor das ruas. Mas eles mataram-no tão rápida e facilmente como quem rouba a carteira a um turista do Nebrasca em Times Square.

— Tens a certeza de que foi rápido e fácil?

— Ele levou uma pancada na cabeça, não tinha feridas defensivas. Se tivesse disparado a arma e o disparo não tivesse acertado em alguém, haveria um sinal da descarga. Não é uma coisa discreta.

Eve soprou o cabelo que lhe caía sobre os olhos e encolheu os ombros. — Talvez ele fosse apenas velho e lento.

— Nem toda a gente reage ao perigo com discernimento, Tenente.

— Não, mas aposto contigo como ele teria reagido. — Eve mexeu novamente os ombros. — Eu acho que estavam armados. Um deles atraiu a

atenção dele. — Eve começou ela mesma a definir outro programa enquanto pensava. Para entrar mais no cenário que estava a montar, removeu o equipamento de segurança. — Quando ele estiver focado nesse alvo...

Eve tirou novamente a arma das mãos de Roarke, activou o programa e mergulhou nele. Um homem surge das sombras, ela ataca, saca da arma. Mesmo ao ligá-la, ao girar, Eve sentiu o ligeiro choque de um disparo do computador na parte superior do ombro.

Conseguira disparar um tiro, é verdade, pensou ela ao esfregar inconscientemente o ombro. Mas ela era jovem e estava em boa forma e tinha as ideias frescas.

— Ele era velho e estava assustado, mas achava-se rijo, demasiado inteligente para eles. Encurralaram-no algures entre a entrada da loja dele e a estação do Metro. Ele tenta atacar um e o outro atordoá-o. O uso de atordoante só é revelado na autópsia se tiver provocado um choque grave no sistema nervoso. E eles não precisavam disso. Só precisavam de o desorientar, depois podiam deixá-lo inconsciente e arrastá-lo dali para fora.

Eve pousou a arma. — Seja como for, já tenho algumas respostas. Só tenho de perceber onde se encaixam.

— Então deduzo que esta pequena demonstração acabou.

— Sim. Vou só... Então? — protestou ela quando ele esticou a mão e voltou a arrancar-lhe a arma das mãos.

— Estou a lembrar-me da primeira vez que te beijei. — Roarke esperava que ela oferecesse alguma resistência, de início. Isso só tornaria a sua entrega mais doce. — Começou aqui mesmo. — Roarke baixou a sua boca para a raspar pela face de Eve, provando o sabor que tencionava devorar. — Há quase um ano. Já na altura eras tudo o que eu queria.

— Tu só querias sexo. — Ao torcer-se, Eve inclinou a cabeça para que a boca ágil dele pudesse deslizar pelo seu pescoço. Sob a sua pele dezenas de pontos nervosos despertaram.

— Pois era. — Roarke riu-se consoante as suas mãos desceram para moldar e apertar Eve. — Continuo a querer. Sempre contigo, querida Eve.

— Não me vais seduzir a meio de um dia de trabalho. — Mas ele já a encaminhava em direção ao elevador e ela não dava muito luta.

— Fizeste uma pausa para almoçar?

— Não.

Roarke inclinou-se para trás o suficiente para sorrir. — Eu também não. — A boca dele estava quente e pedia a dela, beijando-a em tragos rápidos e sedentos que deixaram as extremidades nervosas alertas de Eve a crepitar.

— Chiça —, murmurou ela e agarrou desajeitadamente o comunicador com uma mão enquanto se agarrava a ele com outra. — Espera, para.

Espera só um minuto. Bloquear vídeo. — Eve suspirou. Caramba, o homem conseguia fazer as coisas mais fantásticas com a língua. — Central, daqui fala a Tenente Eve Dallas.

Roarke arrastou-a para dentro do elevador, encostou-a contra a parede e beijou-lhe loucamente o pescoço.

Daqui Central.

— Vou fazer uma pausa de uma hora. — Eve conteve um gemido quando a mão dele se fechou bruta­mente sobre o seu seio. E colocou a outra mão entre as suas pernas, a parte recuada da mesma firmemente pre­mida contra ela onde o calor dava lugar a uma febre intensa.

O primeiro orgasmo incontrolado fê-la conter um grito.

Tenente Eve Dallas, pausa. Afirmativo. Central a terminar ligação.

Ainda mal desligara a transmissão, já ele lhe estava a tirar a camisa. Eve procurou a mola do seu coldre e depois agarrou num punhado do cabelo dele. — Isto é de loucos —, arfou ela. — Porque é que queremos sempre fazer isto?

— Não sei. — Ele puxou-a para fora do elevador rodopiando e depois para os seus braços para atravessarem rapidamente o quarto até à cama grande. — Eu limito-me a agradecer a Deus.

— Toca-me. Quero que me toques. — E ele tocou-a consoante ela caiu sob ele em cima da cama.

— Há um ano... — Os lábios de Roarke roçaram sobre a sua face, ao longo do seu maxilar. — ... não conhecia o teu corpo, os teus humores, as tuas necessidades. Agora já conheço. Só me faz desejar-te mais.

Era coisa de loucos, pensou ela vagamente ao ir de encontro à boca dele com a mesma fome urgente, que tocar-lhe, saboreá-lo sempre a levasse a ser consumida por uma dor profunda.

Quer fizessem amor de modo rápido e furioso como agora ou com uma ternura envolvente, essa dor, essa ânsia nunca parecia diminuir.

Ele tinha razão. Agora conhecia o corpo dela, tal como Eve conhecia o dele. Ela sabia onde tocar para lhe contrair os músculos, onde acariciar para o fazer tremer. E esse conhecimento, essa familiaridade era insuportavelmente sedutora.

Eve sabia que ele lhe daria prazer desta vez, sempre, quer fosse num crescendo lento e ardente ou numa explosão ofegante: prazer, profundo e estonteante, com a excitação brilhante que o cercava.

Roarke encontrou o seio dela, proporcionando-se a emoção de a saborear. Macia, firme, era dele. Eve curvou as costas, susteve a respiração e sob a língua ocupada de Roarke, o seu coração batia forte.

A mão dele fechou-se em redor do diamante em forma de lágrima

que Eve trazia – um símbolo de que ela aprendera a aceitar o que ele tanto sentia necessidade de lhe dar.

Depois rebolaram, puxando roupa para que a carne pudesse deslizar e acariciar tortuosamente contra carne.

A respiração de Roarke acelerou, incendiando-lhe o sangue. Ela, que era forte e estável, era capaz de tremer sob ele. Roarke sentia o corpo dela a debater-se para se libertar, via na cara dela esses rasgos de choque e prazer consoante aumentava.

Assim que a dominou, ele fechou a sua boca sobre a dela e engoliu o seu gemido longo e trémulo.

Não seria suficiente. Apesar do seu organismo ter começado essa cêndia agradável ao contentamento, Eve sabia que ele a voltaria a agitar. Levá-la-ia onde todas as pulsações do seu corpo batiam forte e todos os nervos faziam faísca.

Preparada, agarrou-o, esforçando-se por retribuir, apesar de estar fora de si e a sua mente estar vazia, o seu organismo inclinou-se indefeso de volta ao calor.

Eve disse o nome dele, apenas o nome dele, e arqueou o corpo para o receber dentro de si. A fusão foi suave e quente. Ágil, sedenta, ela projetava a ancas para ir ao encontro de cada impulso. Eve conseguia conduzi-lo tanto como ser conduzida. Os dedos dele prendiam bem os dela. Era outro nível de intimidade.

Ela conseguia ver nos olhos dele, tão intensamente azuis, que estava tão perdido no momento, nessa magia, como ela.

Apenas tu. Eve sabia que era assim que ele pensava, tal como ela. Depois esses olhos gloriosos ficaram opacos. Com um grito ofegante, ela agarrou-se às mãos de Roarke e deixou-se ir com ele.

Ele baixou-se, suspirando ao esticar-se para repousar a cabeça entre os seus seios. Sob ele, o corpo dela ficara tão mole como água. Ele sabia que Eve não tardaria a levantar-se, vestir a roupa e regressar ao trabalho que a consumia.

Mas por agora, durante apenas mais alguns momentos, ela contentava-se em divagar.

— Devias vir almoçar a casa mais vezes —, murmurou ele.

Eve riu-se.

— Acabou-se a diversão. Tenho de voltar.

— Mm-hmm. — Mas nenhum deles se mexeu para se levantar. — Temos jantar às 20h00m em The Place com funcionários de topo e respetivas esposas de uma das minhas empresas de transportes.

Ela fez uma careta. — Eu sabia disso?

— Sim.

— Oh, tenho uma coisa às 19h00m.
— O que é?
— A leitura de um testamento. Na empresa B.D. Branson.
— Não há problema, eu mudo a hora do jantar para as 20h30m e nós vamos primeiro à leitura.
— *Nós não vamos a lado nenhum.*
Ele levantou a cabeça do peito de Eve e sorriu. — Acho que acabei de provar que estás errada.
— É um caso, não é sexo.
— Está bem, não faço sexo contigo na empresa Branson, mas até podia ser interessante.
— Ouve, Roarke...
— Apenas faz sentido em termos de logística. — Deu-lhe uma palmadinha na face e rebolou para o lado. — Vamos da empresa para o hotel onde está marcado o jantar.
— Não podes assistir à leitura de um testamento. Não é um evento público.
— Tenho a certeza de que o B.D. tem um lugar confortável onde eu possa esperar pela minha mulher sem incomodar, se for necessário. Se bem me lembro, tem uma casa muito espaçosa.
Eve não se deu ao trabalho de resmungar. — Deduzo que o conheças.
— Claro, somos concorrentes, cordiais.
Eve expirou sonoramente ao levantar-se e olhou para ele. — Vou ver se a advogada permite. Se permitir, tudo bem. E depois mais tarde podes dar-me a tua opinião acerca dos irmãos Branson.
— Querida, é sempre um prazer para mim ajudar.
— Sim. — Desta vez ela resmungou. — É isso que me preocupa.

Eve remexia-se no banco de trás da limusina. Não era o meio de transporte que teria escolhido quando se considerava em serviço. A verdade é que preferia ir a conduzir quando em trabalho. Havia algo simplesmente decadente em andar numa limusina comprida, fosse qual fosse a circunstância, mas a meio de uma investigação era embaraçoso, digamos.

Não que ela dissesse as palavras decadente ou embaraçoso ao Roarke. Ele iria delirar com o seu dilema.

Pelo menos o vestido longo preto, um tanto rígido, que Eve trazia tanto se adequava à leitura de um testamento como a um jantar de negócios. Era direito e simples, tapando-a desde o pescoço aos tornozelos. Eve considerava-o prático, ainda que estupidamente caro.

Mas não tinha onde prender a arma sem fazer figuras tristes, e o único sítio que tinha para pôr o distintivo era uma malinha de cerimónia ridícula.

Quando Eve voltou a contorcer-se, Roarke envolveu-a colocando o braço por cima do banco de trás e sorriu para ela. — Passa-se alguma coisa?

— Os polícias não usam lâ virgem nem andam em limusinas.

— Os polícias que se casam comigo andam. — Ele passou um dedo sobre o punho debaixo da manga do casaco dela. Gostava de lhe ver o vestido, longo, direito, desprovido de adornos, de modo que o corpo dela era discretamente denunciado. — Como será que eles sabem que as ovelhas são virgens?

— Que piada. Podíamos ter levado o meu carro.

— Ainda que o teu veículo atual seja muito melhor do que o último, não se pode dizer que seja confortável. E não poderíamos desfrutar completamente dos vinhos que serão servidos ao jantar. Mais importante... — Roarke levantou a mão dela e beliscou-lhe os tornozelos. — Não poderia morder-te durante o caminho todo.

— Eu estou de serviço, sim?

— Não estás nada. O teu turno acabou há uma hora.

Eve sorriu afetadamente para ele. — Não folguei durante uma hora?

— É verdade. — Ele aproximou-se mais e deslizou a sua mão pela coxa dela. — Podes voltar ao serviço quando chegarmos, mas para já...

Ela semicerrou os olhos consoante o carro se aproximou do passeio. — Ainda estou de serviço, amigo. Tira daí a mão senão terei de te deter por agressão a um agente.

— Quando chegarmos a casa lê-me os meus direitos e interrogas-me?
Ela soltou um riso fungando. — Tarado —, murmurou ela e saiu do carro.

— Os polícias não devem cheirar tão bem como tu. — Roarke foi cheirando-a enquanto se dirigiram à entrada distinta do edifício de tijolo castanho.

— Borrifaste-me essa coisa antes que eu conseguisse desviar-me. — Roarke fez-lhe cócegas no pescoço e fê-la afastar-se. — Hoje estás muito atiradiço, Roarke.

— Tive um almoço muito agradável —, disse ele sobriamente. — Fiquei bem-disposto.

Eve viu-se obrigada a sorrir e depois pigarreou a garganta. — Pois deixa-te de coisas, esta ocasião não é propriamente festiva.

— Pois não. — Ele passou a mão quase impercetivelmente pelo cabelo dela antes de tocar à campainha. — Lamento o que aconteceu ao J.C.

— Também o conhecias?

— O suficiente para gostar dele. Era um homem afável.

— É o que todos dizem. Afável o suficiente para trair a companheira?

— Não faço ideia. O sexo leva o melhor dos homens a cometer erros.

— Ai sim? — Eve arqueou as sobrancelhas. — Pois se alguma vez tiveres vontade de cometer um erro desses, lembra-te do que uma mulher chateada pode fazer com um berbequim Branson.

— Querida. — Roarke apertou-lhe brevemente a nuca. — Sinto-me tão amado.

Uma empregada de olhar solene abriu a porta, com o seu fato-macaco fino e preto de corte conservador, a voz suave e sotaque vagamente britânico. — Boa noite —, começou ela a dizer com um leve aceno de cabeça. — Peço desculpa, os Branson não estão a receber visitas de momento. Houve uma morte na família.

— Tenente Dallas. — Eve tirou o distintivo. — Estão à nossa espera.

A empregada estudou o distintivo por um momento e depois assentiu com a cabeça. Só quando Eve notou no rápido tremor dos olhos, indício de uma sonda de segurança, é que percebeu que a empregada era um droide.

— Sim, Tenente. Façam o favor de entrar. Posso levar os vossos casacos?

— Claro. — Eve tirou o dela e depois esperou que a empregada estendesse o seu casaco e o de Roarke impecavelmente sobre o braço.

— Façam o favor de me seguir. A família está na sala principal.

Eve olhou em redor pelo *foyer* com o seu teto alto e escadas curvas graciosas. Paisagens urbanas feitas com caneta e tinta de reserva adornavam as paredes de um cinza pérola. Os saltos dos seus botins batiam nos

mosaicos da mesma tonalidade. Dava à entrada e ao corredor largo um ambiente brumoso e sofisticado. A luz inclinada descia do teto como raios de luar através do nevoeiro. As escadas, um lança de branco puro, pareciam flutuar sem suporte algum.

Duas portas altas deslizaram silenciosamente para dentro da parede consoante estes se aproximaram. A empregada fez uma pausa respeitosa à entrada. — Tenente Dallas e Roarke —, anunciou ela, para depois recuar.

— Porque é que não temos uma como ela, em vez do Summerset?

A pergunta murmurada de Eve valeu-lhe outro apertão breve no pescoço por parte do marido ao entrarem na divisão.

Era uma sala de teto alto, espaçosa, com pouca luz. O tema monocromático fora mantido aqui, desta vez em tons de azul, desde os delicados tons pastel de áreas de laser em forma de leque, aos mosaicos cobalto da lareira onde vacilavam chamas.

Havia jarras de prata de vários tamanhos e formas dispostas sobre a prateleira da lareira. Cada uma delas tinha lírios brancos. O ar tinha um odor profundamente fúnebre.

Uma mulher levantou-se da curva próxima da zona dos sofás e atravessou o mar de carpete até eles. A sua pele era tão branca como os lírios, em contraste com o seu fato preto. Trazia o cabelo da cor do trigo puxado severamente para trás, amarrado na nuca em rabichos lisos e serpenteantes, como só as mulheres mais confiantes e belas se atreveriam a usar. Sem cabelo em redor, a sua cara era deslumbrante, uma criação perfeita de maçãs do rosto planeadas, um nariz esguio e direito, sobrancelhas macias, lábios definidos e sem batom, completada com uns grandes olhos violeta escuros de pestanas fartas.

Os seus olhos espelhavam dor.

— Tenente Dallas. — Estendeu uma mão. A sua voz lembrava a Eve a sua pele, pálida, macia e perfeita. — Obrigada por ter vindo. Eu sou Clarissa Branson. Roarke. — Num gesto tanto afável como frágil, esta ofereceu-lhe a mão livre de modo que, durante um momento, os três ficaram unidos.

— Lamento imenso o que aconteceu a J.C., Clarissa.

— Estamos todos meio atordoados. Ainda este fim de semana o vi. Tomámos... tomámos um *brunch* juntos no domingo. Eu não... ainda não...

Ao falharem-lhe as palavras, B.D. Branson aproximou-se e deslizou-lhe um braço pela cintura, agarrando-a. Eve viu-a contrair-se ligeiramente e baixar o seu olhar lindo.

— Porque não serves uma bebida aos nossos convidados, querida?

— Sim, claro. — Ela soltou a mão de Eve para levar os dedos à têmpora. — Quer um copo de vinho?

— Não, obrigada, Café, se tiver.

— Eu peço já para trazerem. Com licença.

— A Clarissa está a reagir muito mal — disse Branson baixinho sem nunca tirar os olhos da esposa.

— Ela e o seu irmão eram chegados? — perguntou Eve.

— Sim. Ela não tem família e o J.C. era tão irmão dela como era meu. Agora só nos temos um ao outro. — Continuou a olhar para a esposa e depois pareceu voltar a si. — Só fiz a associação quando saí do meu escritório hoje, Tenente. A sua ligação a Roarke.

— Há algum problema nisso?

— De todo. — Branson conseguiu esboçar um ligeiro sorriso para Roarke. — Somos concorrentes, mas não diria que somos adversários.

— Eu gostava do J.C. —, disse brevemente Roarke. — Vai deixar saudades.

— Sim, vai. É melhor conhecerem os advogados para começarmos. — Branson voltou-se, agora com uma expressão carrancuda. — Já falou com Suzanna Day.

Notando que Branson olhava para ela, Suzanna aproximou-se. Os apertos de mão foram rápidos e impessoais, até Suzanna se colocar ao lado de Branson. A última pessoa na sala levantou-se.

Eve já o reconheceu. Lucas Mantz era um dos melhores e mais caros advogados de defesa criminal da cidade. Estava em boa forma, era algo atraente, de cabelo ondulado com alguns fios grisalhos sobre os negros. O seu sorriso era controlado e educado, os seus olhos esfumados bem alerta.

— Tenente. Roarke. — Acenou a cabeça aos dois e depois bebericou outro gole do vinho da cor de palha que trazia na mão. — Estou a representar os interesses da Sra. Cooke.

— Ela não olhou a despesas —, disse Eve secamente. — A sua constituinte está à espera de receber dinheiro, Mantz?

Este arqueou as sobrancelhas numa expressão de ironia divertida. — Se estão em causa as finanças da minha constituinte, Tenente, teremos todo o gosto em facultar-lhe os registos. Assim que nos entregar o mandado. As acusações contra a Sra. Cooke foram entregues e aceites.

— Por agora —, disse-lhe Eve.

— Porque não tratamos do assunto em questão? — Branson voltou a olhar para a esposa que indicava à empregada onde colocar o carrinho do café. — Por favor, sentem-se. — Este gesticulou em direção à zona de estar.

Assim que se sentaram e se serviu o café, Clarissa sentou-se ao lado do marido, agarrando a mão dele. Lucas Mantz lançou outro sorriso controlado a Eve e depois sentou-se na outra ponta. Suzanna sentou-se numa cadeira em frente.

— O falecido deixou discos pessoais ao seu irmão e cunhada, à Sra.

Lisbeth Cooke e ao seu assistente, Chris Tipple. Esses discos serão entregues em mão às devidas partes vinte e quatro horas após a leitura do seu testamento. O Sr. Tipple foi informado acerca da leitura desta noite, mas recusou estar presente. Não se encontra... bem.

Ela tirou um documento da pasta e começou.

A introdução era técnica e floreada. Eve duvidava que a linguagem destas coisas tivesse mudado nos últimos dois séculos. Afinal, o reconhecimento formal da nossa própria morte tinha uma longa tradição.

Os humanos, pensou ela, tinham a tendência de começar a planejar o seu fim com antecedência. E de serem muito específicos. Faziam apostas acerca do tempo que durariam. *Aposto tanto por mês em como vou viver até morrer*, pensou ela.

Depois havia a questão dos talhões no cemitério ou urnas de cremação, dependendo das preferências e rendimentos. A maioria das pessoas comprava-os com antecedência ou oferecia-os, escolhendo um lugar soa-lheiro num país ou uma caixa elegante para gabinetes.

Compre agora, morra depois.

Esses pequenos detalhes mudaram com as modas e sensibilidades da sociedade. Mas havia uma constante no negócio da transição da vida para a morte, o último testamento. Quem ficava com o quê, quando e como ficavam com as coisinhas que o falecido conseguira acumular durante o tempo que o destino lhe proporcionara.

Eve sempre achou que era uma questão de controlo. A natureza da besta exigia que se tivesse controlo mesmo após a morte. Segurar pela última vez as rédeas, carregar pela última vez no botão. Para alguns, deduzia ela, era o derradeiro insulto para aqueles que tinham a lata de sobreviver. Para outros, era a última dádiva para os queridos e acarinhados enquanto vivos.

Fosse como fosse, uma advogada lia as palavras do falecido. E a vida continuava.

E ela que lidava com a morte diariamente, que a estudava, que se movimentava dentro dela, e muitas vezes sonhava com ela, achava tudo aquilo um tanto ofensivo.

As doações menores duraram algum tempo, dando a Eve uma imagem do homem que gostara de cadeirões patetas e vestidos roxos e massa de cenoura com ervilhas e molho de natas.

Este lembrara-se das pessoas que fizeram parte da sua rotina, desde o seu porteiro à telefonista do seu escritório. Deixou à sua advogada, Suzanna Day, uma escultura Revisionista que esta admirava.

A voz de Suzanna fraquejou perante este gesto, mas depois pigarreou a garganta e continuou.

— Ao meu assistente, Chris Tipple, que tem sido o meu braço direito e esquerdo também, e muitas vezes também o meu cérebro, deixo a minha unidade de pulso de ouro e a quantia de um milhão de dólares, sabendo que ele estimará o primeiro e fará bom uso do último. À minha linda e querida cunhada, Clarissa Stanley Branson, deixo o colar de pérolas que me foi deixado pela minha mãe, o broche de coração de diamantes da minha avó e o meu amor.

Clarissa começou a chorar em silêncio com a cara entre as mãos, os seus ombros magros a tremer quando o marido lhe colocou o braço à volta.

— Então, Clarissa? — murmurou-lhe Branson ao ouvido, tão baixinho que Eve mal ouviu. — Controla-te.

— Desculpa. — Ela manteve a cabeça baixa. — Desculpa.

— B.D. — Suzanna fez uma pausa, lançando a Clarissa um olhar de serena compreensão. — Quer que faça uma pausa?

— Não. — De maxilar fixo e boca carrancuda, não largou a esposa e olhou bem em frente. — Por favor, vamos terminar.

— Muito bem. Ao meu irmão e sócio, B. Donald Branson... — Suzanna parou para respirar fundo. — A minha quota do negócio que geríamos juntos está estabelecida num documento à parte. Aqui reconheço que todos os meus lucros na Branson Toys & Tools devem ser transferidos para o seu nome após a minha morte, caso este seja vivo. Caso faleça antes de mim, esses lucros devem ser transferidos para a sua esposa ou quaisquer filhos dessa união. Para além disso, deixo ao meu irmão o anel de esmeraldas e botões de punho de diamantes do nosso pai, toda a minha biblioteca de discos, incluindo todas as imagens de família, o meu barco T&T, a minha bicicleta aérea na esperança de que ele finalmente ande nela. A menos, obviamente, que ele tivesse razão e se esteja a ler este testamento devido ao meu acidente.

Branson fez um ruído, algo parecido com uma gargalhada breve e contida, para depois fechar os olhos.

— A Lisbeth Cooke... — A voz de Suzanna ficou mais fria vários graus ao dispensar a Mantz um olhar reluzente de desagrado. — ... deixo todas as minhas outras posses pessoais, incluindo todas as contas de caixa, contas bancárias e de crédito, imóveis, ações, mobiliário, peças de arte e bens pessoais. “Lissy Adorada” —, continuou Suzanna desajeitadamente — não mantenha o luto muito tempo.

— Milhões. — Branson ergueu-se lentamente. A sua cara estava pálida como a morte e os seus olhos brilhantes. — Ela mata-o e vai ganhar milhões. Não vou permitir isto. — De mãos bem cerradas, virou-se para Mantz. — Farei tudo o que for preciso para impedir isto.

— Eu compreendo a sua indignação. — Mantz ergueu-se também.

— Contudo, os desejos do seu irmão ficaram clara e legalmente definidos. A Sra. Cooke não foi acusada de homicídio qualificado e sim de homicídio simples. Há precedentes jurídicos que protegem a sua herança.

Branson mostrou os dentes. Quando se preparava para o agredir, Eve levantou-se num pulo para se colocar à frente. Mas Roarke adiantou-se.

— B.D. — Roarke falou calmamente, mas agarrara firmemente nos braços de Branson, colando-os ao tronco. — Isto não o vai ajudar. Deixe que a sua advogada trate do assunto. A sua esposa está muito perturbada —, continuou ele consoante Clarissa se encolhia e chorava descontroladamente. — Ela devia deitar-se. Porque não a leva para cima e lhe dá um calmante?

Os ossos na face de Branson ressaíam visivelmente, de tal forma que pareciam cortar a carne. — Saia de minha casa —, ordenou a Mantz. — Saia de minha casa, raios.

— Eu acompanho-o à porta —, disse Roarke. — Cuide da sua esposa.

Durante um momento longo, Branson tentou escapar a Roarke; depois acenou com a cabeça e voltou-se. Pegou na esposa, segurando-a no colo como se fosse uma criança e levou-a da sala.

— Está despachado, Mantz. — Eve olhou para ele. — A menos que queira ver se os Branson têm algum cão para lhe dar um pontapé.

Ele aceitou o comentário e pegou na sua pasta. — Cada um de nós faz o seu trabalho, Tenente.

— Sim, e o seu é ir a correr dizer a uma assassina que está rica.

Os olhos dele não vacilaram. — Na vida quase nada é preto e branco. — Acenou a cabeça na direção de Suzanna. — Boa noite, Sra. Dra. —, murmurou ele e saiu.

— Ele tem razão. — Suzanna suspirou e voltou a sentar-se. — Está só a fazer o trabalho dele.

— Ela terá direito à herança? — perguntou Eve.

Suzanna apertou a ponte do nariz. — Perante a situação atual, sim. Com acusações de homicídio simples, podem afirmar que matou o J.C. num momento irracional de ciúmes. O testamento estava selado. Não temos como provar que ela tinha conhecimento prévio do conteúdo ou que esse conteúdo a terá influenciado de algum modo. Segundo a lei atual, ela pode lucrar com a morte dele.

— E se a acusação for agravada?

Suzanna deixou a mão cair sobre o colo, olhando criteriosamente para Eve. — Nesse caso, as coisas mudam. Isso é possível? Tinha a sensação de que o caso estava encerrado.

— Encerrado não significa arrumado.

— Espero que me mantenha a par — disse Suzanna ao levantar-se

e sair com eles até junto da empregada que os esperava com os respetivos casacos.

— Avisá-la-ei quando tiver alguma novidade e quando puder. — Quando saíram, Eve fez deslizar as mãos para dentro dos bolsos. A limusina aguardava. Eve fez um esforço por não se sentir embaraçada por isso.

— Quer boleia até casa, Dra. Day? — perguntou Roarke.

— Não, obrigada. Preciso de caminhar. — Suzanna fez uma pausa e o seu suspiro projetou um fluxo esguio e branco. — Como advogada de direitos patrimoniais, estou sempre a lidar com estas situações. Dor e ganância. Mas raramente é com pessoas que me são tão chegadas. Gostava muito do J.C. Há pessoas que achamos que são imortais. — Abanando a cabeça, afastou-se.

— Pois é, foi divertido. — Eve começou a dirigir-se à limusina. — Será que a “Lissy Adorada” vai chorar metade das lágrimas que a Clarissa chorou por causa deste tipo? Conhece-la bastante bem?

— Hmm, não. — Roarke entrou no carro ao lado dela. — Nessa falsa intimidade dos conhecimentos sociais, encontrava ocasionalmente os irmãos Branson. A Clarissa e a Lisbeth normalmente acompanhavam-nos.

— Eu teria feito ao contrário.

Roarke recostou-se e acendeu um cigarro. — O que queres dizer com isso?

— Juntava a Clarissa com o J.C. Estou a basear-me no que sei sobre ele, era mais leve, menos motivado, mais emocional do que o irmão. A Clarissa parece frágil, quase terna, parece um tanto... intimidada por Branson. Não tem ar de típica esposa mãe de um empresário. O homem tem uma grande empresa internacional. Porque não tem uma esposa mãe? — Ao colocar a pergunta, Roarke sorriu, levando-a a semicerrar os olhos. — O que foi?

— Ia dizer que se calhar se apaixonou por outro tipo de mulher. Acontece, mesmo aos chefes de grandes empresas internacionais.

Agora os seus olhos semicerrados reluziram. — Estás a insinuar que não sou uma esposa mãe de um empresário?

Roarke deu uma passa contemplativa no seu cigarro. — Se dissesse que és, ias tentar bater-me e acabávamos aqui à bulha. Uma coisa levava a outra e chegávamos muito atrasados ao jantar de negócios.

— Olha que pena —, murmurou ela. — Tu também não és exatamente o marido típico de uma agente, ó espertinho.

— Se dissesse que sou, acabávamos aqui à bulha e por aí fora. — Ele apagou o cigarro e depois passou a ponta do dedo pelo meio do corpo de Eve, desde o pescoço à cintura. — Queres?

— Não me aperaltei toda para depois me cobrires de impressões digitais.

Roarke sorriu e envolveu-lhe o seio com a mão. — Querida, eu nunca deixo impressões digitais.

Durante a noite de comida e conversa, Eve conseguiu esgueirar-se durante tempo suficiente para pedir um mandado para aceder aos dados financeiros de Lisbeth Cooke. Deu a herança avultada como motivo e teve a sorte de apanhar um juiz que concordava com ela ou estava farto de discutir.

Consequentemente, Eve estava alerta e agitada quando chegaram a casa.

— Quero confirmar umas coisas —, disse ela a Roarke quando entraram no quarto. — Vou mudar de roupa e trabalhar um pouco no meu escritório.

— A fazer o quê?

— Pedi um mandado para aceder aos dados financeiros da Cooke.

— Eve abanou-se para tirar o vestido, atirou com ele e depois ficou ali de pé, para agrado do seu marido, apenas com duas peças pretas mínimas e botas pretas de pele de cano alto. — Foi concedido enquanto comíamos a sobremesa.

— Devo ter para aqui um chicote —, murmurou ele.

— Um quê?

Sorrindo, Roarke dirigiu-se a ela, agradado quando os olhos de Eve se semicerraram em jeito ameaçador. — Não te aproximes, campeão. Já disse que tenho de trabalhar.

— Posso aceder a essa informação em metade do tempo. Eu ajudo-te.

— Não pedi ajuda.

— Não. Mas ambos sabemos que consigo fazer isso mais depressa e também interpretar os dados sem que a tensão me provoque uma dor de cabeça. E em troca só te peço uma coisinha.

— Qual coisinha?

— Que quando terminarmos, ainda tenhas esta fatiota tão interessante vestida.

— Fatiota? — Eve olhou para trás, vislumbrou-se ao espelho e pestanejou chocada. — Chiça, pareço...

— Sim —, concordou Roarke. — Pois pareces.

Eve olhou para ele e esforçou-se por ignorar toda a luxúria manhosa que o brilho nos seus olhos provocara. — Os homens são tão estranhos.

— Nesse caso tem pena de nós.

— Não vou andar por aí de roupa interior só para tu criares uma fantasia sórdida.

— Não te preocupes —, disse ele enquanto Eve agarrou num roupão e se tapou com ele. — Já está criada. É mais rápido se formos para o meu escritório.

Ao atar o roupão, Eve lançou-lhe um olhar desconfiado. — É mais rápido o quê?

— Ora, aceder a dados, Tenente? Achava que era o quê?

Eve recusou-se a demonstrar a ligeira desilusão que sentiu. — Isto é um assunto oficial. Quero inicializar a busca na minha máquina.

— Quem manda és tu. — Roarke pegou na mão dela para a conduzir.

— Não te esqueças disso.

— Querida, com aquilo que trazes vestido sob esse roupão para sempre gravado na minha memória, como me poderia esquecer?

— Nem todos os caminhos —, disse ela secamente, — acabam por ir dar ao sexo.

— Os melhores dão. — Roarke deu-lhe uma palmada amistosa no rabo quando esta seguia à sua frente para o escritório.

Galahad estava aninhado na sua cadeira de dormir. O gata ergueu a cabeça obviamente aborrecido por ter sido incomodado. Como nenhum deles se dirigiu à cozinha, este fechou novamente os olhos e ignorou-os.

Eve introduziu o mandado numa ranhura do seu computador e ligou-o. — Eu sei fazer uma busca financeira. Estás aqui apenas para interpretar e dizer-me se achas que ela tem ali alguma coisa escondida.

— Estou aqui para servir.

— Para com isso. — Eve deixou-se cair na cadeira em frente à sua secretária e chamou o ficheiro do caso de Lisbeth Cooke. — Manter dados atuais —, ordenou ela, — e iniciar busca de registos financeiros com o nome e número de identificação da cidadã. Todas as contas de caixa, crédito e débito. Iniciar busca de há um ano até à data atual.

A processar...

— Bens pessoais? — perguntou Roarke.

— Já lá vou. Primeiro vamos ao dinheiro.

Dados concluídos. Lisbeth Cooke tem quatro contas ativas de caixa e crédito.

— Mostrar dados no ecrã.

A apresentar...

Eve fez um ruído lento consoante os dados surgiram. — Mais de dois milhões no New York Security, mais um e meio no New World Bank, pouco menos de um milhão no American Trust e um quarto de milhão no Credit Managers.

— A última conta é para despesas correntes —, disse-lhe Roarke. — As outras três são contas de títulos e corretagem. São essencialmente investimentos a longo prazo, geridos por equipas financeiras pagas por essas instituições específicas. São investimentos inteligentes. Mistura investimentos de alto risco, grandes lucros com um rendimento de juros conservador.

— Como consegues perceber isso pelos nomes dos bancos e as quantias?
— Compete-me conhecer a natureza dos bancos. Se conseguires avançar na busca, verás que ela provavelmente tem uma mistura equilibrada de ações, títulos, fundos de investimento e dinheiro para direcionar para novos investimentos consoante as flutuações do mercado.

Roarke ordenou a uma explanação e tocou com um dedo no ecrã. — Aqui está, percebe-se que ela acredita na sua própria empresa. Tem bastantes ações da Branson T&T, mas não se fica por aqui. Também tem ações de várias outras empresas, incluindo algumas minhas. E incluindo três que são concorrentes diretas da Branson. Ela não faz investimentos com base nas emoções.

— Está a ser calculista.

— No que toca a dinheiro, ela é inteligente e realista.

— E tem mais de quatro milhões para investir. Parece-me muito para uma executiva de publicidade. Computador, detalhar no ecrã depósitos e transferências eletrónicas referentes a este período de um ano.

A processar...

Quando apareceram os dados, Eve arqueou as sobrancelhas. — Olha para isto. Uma transferência eletrónica da conta de J. Clarence Branson para a conta de despesas correntes dela. Um quarto de milhão a cada três meses. Um milhão por ano, caraças. Computador, listar todas as transferências da conta de Branson para Lisbeth Cooke.

A processar... Dados concluídos. Transferência inicial de cento e cinquenta mil dólares realizada dia 2 de Julho de 2055. Transferências no mesmo valor a cada trimestre durante um período de um ano. As transferências aumentaram para duzentos mil dólares dia 2 de Julho de 2056, continuando em incrementos de seis meses até 2 de Julho de 2057, quando o valor das transferências aumentou para duzentos e cinquenta mil dólares.

— Belo trabalho, para quem o consegue —, murmurou Eve.

— Ele proporcionava-lhe um rendimento constante e generoso. — Por detrás da cadeira de Eve, Roarke massajava inconscientemente a tensão acumulada nos ombros de Eve. — Para quê matá-lo?

— Um milhão por ano? — Eve olhou para cima, para Roarke. — Isso para ti não era nada.

— Querida, tudo vale alguma coisa.

— Tu provavelmente gastas essa quantia em sapatos.

Rindo-se, Roarke premiu um beijo no topo da cabeça de Eve. — Se os nossos pés não estão satisfeitos, nós não estamos satisfeitos.

Ela resmungou e bateu com os dedos na secretária. — E se ela deu em gananciosa, se se fartou de esperar por um milhão por ano? Matando-o da forma certa, podia ficar com tudo já.

— É um grande risco. Se corre mal, ela é acusada de homicídio e a única coisa que consegue é uma cela.

— Ela está a ser calculista. Já sabia quais eram as probabilidades. Computador, a quanto ascende a herança pessoal de J. Clarence Branson, sem incluir quaisquer ações da Branson Toys & Tools?

A processar...

Roarke afastou-se para se servir de um *brandy*. Sabia que Eve não bebia nada, a não ser café, quando trabalhava assim. E como queria que ela dormisse, passou pelo AutoChef sem o usar.

Quando ele voltou, Eve estava de pé a andar de um lado para o outro. O cinto do roupão soltara-se, lembrando a Roarke que não se deitariam sem antes fazer outra coisa. Uma coisa muito específica e interessante.

Dados concluídos. O valor estimado, incluindo avaliações de imóveis, veículos de transporte, peças de arte e joias é de duzentos e sessenta e oito milhões de dólares.

— É um aumento e tanto de salário. — Eve apanhou o cabelo atrás com uma mão. — Deduzindo as pequenas doações e os impostos sucessórios — e ele teria arranjado uma aldrabice qualquer para fugir aos impostos —, ela pode receber duzentos milhões.

— O Mantz vai afirmar que ela não tinha conhecimento da herança.

— Ela sabia. Estavam juntos há mais de três anos. É claro que ela sabia.

— Quanto valho eu, Eve, e como estão distribuídas as doações no meu testamento?

Eve olhou para cima por breves instantes, a irritação espelhada nos seus olhos. — Eu sei lá. — Quando ele sorriu para ela, ela expirou. — Isso é diferente. Não fizemos nenhum acordo de negócios.

— É verdade. Mas o Mantz vai afirmar isso na mesma.

— Pode falar até lhe cair a língua. Ela sabia. Vou falar outra vez com ela amanhã. A história da outra mulher e o ataque louco de ciúmes a mim não me convencem.

Eve recostou-se atrás da secretária e chamou os dados de débito. Insatisfeita, analisou-os, fazendo deslizar as mãos para dentro dos bolsos. — Gostos caros, mas não fez loucuras com o dinheiro. Comprou muitas joias e roupa para homem. Talvez tivesse um amante. É uma hipótese que vale a pena investigar.

— Hmm. — O seu roupão estava agora aberto, revelando uma faixa deliciosa de carne, seda preta e cabedal. — Deduzo que tudo isso tenha de esperar até amanhã.

— Hoje não posso fazer muito mais aqui —, concordou Eve.

— Pelo contrário. — Ele aproximou-se rapidamente, tirando-lhe o

roupão e depois esfregando as suas mãos no corpo dela. — Ocorre-me muitas coisas para fazer.

— Ai sim? — O sangue de Eve já fervia. Roarke tinha umas mãos extremamente criativas. — Dá-me um exemplo.

— E se eu fizesse algumas sugestões? — Com os seus lábios curvados contra os dela, Roarke encostou-a contra a parede. A primeira sugestão que lhe murmurou ao ouvido fê-la trocar os olhos.

— Uau. Essa é boa. Só não sei se é fisicamente possível.

— Só saberás se experimentares —, disse Roarke e começou a demonstrar.

Peabody já estava à espera quando Eve chegou ao seu gabinete de manhã. — Obrigada pela folga, Dallas.

Eve olhou para a jarra esguia de rosas vermelhas de estufa sobre a sua secretária. — Compraste-me flores?

— Foi o Zeke. — O sorriso de Peabody conseguiu ser tão caprichoso como seco. — Ele está sempre a fazer coisas assim. Queria agradecer-lhe por ontem. Eu disse-lhe que você não era grande apreciadora de flores, mas ele acha que toda a gente é.

— Eu gosto de flores. — Sentindo-se um tanto defensiva em relação à ideia que Peabody tinha de si, Eve debruçou-se deliberadamente e cheirou-as. Duas vezes. — Porque não haveria de gostar? Então, o que vai fazer hoje o maninho?

— Tem uma lista de museus e galerias a visitar. Uma lista extensa —, acrescentou Peabody. — Depois vai pôr-se na fila para comprar bilhetes com desconto para ver uma peça hoje. Pode ser qualquer peça, desde que consiga ver algo na Broadway.

Eve estudou a cara de Peabody, os olhos preocupados, os dentes que McNab admirara entretidos a morder o lábio inferior. — Peabody, as pessoas conseguem fazer tudo o que ele tenciona fazer e sobrevivem a isso todos os dias em Nova Iorque.

— Sim, eu sei. E nós revimos todos os avisos. Seis ou sete vezes —, acrescentou ela com um sorriso forçado. — Mas ele é tão... Zeke. Seja como for, primeiro vai contatar os Branson, novamente, para saber o que eles querem que ele faça. Ontem não conseguiu falar com eles.

— Hmm. — Eve sentou-se e começou a ver o correio interno e externo que Peabody já trouxera e empilhara. — O Roarke e eu assistimos à leitura do testamento ontem à noite. A Cooke mata o companheiro e herda milhões. — Eve abanou a cabeça. — Vamos passar por casa dela esta manhã e ter uma conversa acerca disso. Mas quem é a Cassandra?

— Quem?

— Eu disse o mesmo. — Franzindo as sobrancelhas, Eve voltou a bolsa de discos. — Uma caixa vinda do exterior, a morada do remetente é em Lower East Side. Não gosto de correio enviado por pessoas que não conheço.

— Todo o correio vindo de fora é analisado para detetar explosivos, veneno e materiais perigosos.

— Sim, sim. — Mas o instinto fê-la ir buscar uma lata de Selante a uma gaveta e cobrir os dedos antes de abrir a bolsa e tirar o disco. — O anti-vírus disto está a funcionar em condições?

Peabody olhou entristecida para o computador de Eve. — Sei tanto como você.

— Raios partam esta porcaria —, murmurou Eve e introduziu o disco na ranhura. — Computador, ligar e ler disco.

Ouviu-se um zumbido baixinho, semelhante a um enxame de abelhas zangadas. O ecrã de Eve deu sinal, depois desligou-se e voltou a ligar-se com uma lamúria.

— Mal puder —, prometeu Eve — vou fazer uma visita pessoal aos palhaços da manutenção.

O disco possui apenas texto. A mensagem é a seguinte...

Tenente Eve Dallas, Departamento de Polícia e Segurança de Nova Iorque, Central de Polícia, Brigada de Homicídios.

Nós somos Cassandra. Nós somos os deuses da justiça. Nós somos leis.

O atual governo corrupto com os seus líderes egoístas e fracos tem de ser destruído e sê-lo-á. Iremos desativar, iremos remover, iremos aniquilar consoante for necessário para dar lugar à república. As massas deixarão de tolerar o abuso, a repressão de ideias e vozes, a negligência da elite patética que se mantém agarrada ao poder.

Sob a nossa governação, todos serão livres.

Admiramos as suas capacidades. Admiramos a sua lealdade no caso de Howard Bassi, conhecido como Arranjas. Foi-nos útil e só foi aniquilado porque se revelou uma pessoa com defeitos.

Eve pôs outro disco numa ranhura. — Computador, copiar disco atualmente em execução.

Somos Cassandra. A nossa memória é longa. Estamos preparados. Haveremos de vos divulgar as nossas necessidades e exigências, a seu tempo. Às 09h15m de hoje, daremos uma pequena amostra do nosso alcance. Acreditarão. Depois ouvirão.

— Uma amostra —, disse Eve quando a mensagem terminou. Olhando rapidamente para a sua unidade de pulso, pegou em ambos os discos e selou o original. — Temos menos de dez minutos.

— Para fazer o quê?

— Deram-nos uma morada. — Eve bateu com um dedo na bolsa e pegou no seu blusão. — Vamos lá verificar.

— Se foi esta gente que matou o Arranjas —, começou Peabody a dizer enquanto seguiam para o elevador — já sabem que anda a investigar o caso.

— Não é muito difícil sabê-lo. Tenho estado em contato com Nova

Jérsia, ontem fui à loja dele. Verifica a morada, Peabody, vê o que é. Apartamento, domicílio privado, empresa.

— Sim, Tenente.

Entraram no carro. Eve fez marcha atrás, fez um peão de 180° e saiu disparada da garagem. — Mostrar mapa —, ordenou ela, dirigindo-se a sul. — Lower East Side, setor seis. — Quando a grelha com as ruas da área de vida brilhou no seu ecrã de visualização, esta acenou com a cabeça. — Era o que eu julgava. É uma zona de armazéns.

— O edifício em causa é uma antiga vidraria que vai ser recuperada. Está identificada como desocupada.

— Talvez a morada seja falsa, mas eles esperam que nos dirijamos lá. Não vamos desiludi-los. Quanto tempo temos?

— Seis minutos.

— Está bem. Vamos por ar. — Eve carregou na sirene, carregou no botão da elevação vertical e disparou sobre os tejadilhos do trânsito que rumava a sul.

Virou para leste, passou por *lofts* recuperados onde jovens profissionais gostavam de viver, fazer compras e comer em cafés excessivamente caros com má iluminação e bom vinho.

Nem a um quarteirão de distância, o ambiente passara a ser de abandono, ruína e desespero. A miséria percorria as ruas lá em baixo disfarçada de gente desempregada e suja, gente falhada e desesperada.

A sul dali, vislumbravam-se as velhas fábricas e armazéns, quase todos eles abandonados. Os tijolos tinham uma cor de fuligem cinza derivada do fumo, nevoeiro e do tempo. Via-se o vidro das janelas estilhaçado e a reluzir no chão coberto de lixo, intervalado com ervas daninhas que se debatiam por sair do cimento rachado.

Eve pousou o carro, estudou brevemente o edifício quadrado de tijolo, com seis pisos, fechado atrás de uma cerca de segurança. O portão possuía uma fechadura de cartão, mas estava completamente escancarado.

— Diria que somos esperadas. — Eve conduziu o carro pelo portão, procurando algum sinal de vida no edifício. Depois, franzindo as sobrancelhas, parou o carro e saiu. — Quanto tempo temos?

— Cerca de um minuto —, disse-lhe Peabody ao sair pela porta oposta. — Vamos entrar?

— Ainda não. — Pensou no Arranjas e na sua lojinha nojenta. — Pede reforços. Avisa a Central que estamos aqui. Isto não me agrada.

Dali não passou. Ouviu-se um estrondo e o chão tremeu sob si. Viu-se uma série de disparos nas janelas partidas do edifício que a fizeram praguejar.

— Abriga-te! — Mal se lançou para se esconder atrás do carro, o ar explodiu, atingindo-a com uma vaga violenta de calor que a fez escorregar de joelhos. O barulho foi tremendo, uma agressão para os seus tímpanos, fazendo soar uma lamúria aguda pelo meio do seu crânio.

Choveram tijolos. Um pedaço fumegante estilhaçou-se no chão a centímetros da sua cara enquanto esta rebojava para debaixo do carro. O seu corpo foi solidamente de encontro ao de Peabody.

— Magoaste-te?

— Não. Chiça, Dallas.

Uma vaga de calor cobriu-as, brutalmente intensa. O ar chiava. Pelo ar voavam destroços, atingindo o carro como punhos quentes e furiosos. O fim do mundo deveria ser assim, pensou Eve ao esforçar-se por recuperar o fôlego. Quente, imundo e barulhento.

Sobre elas, o carro abanava, saltava e tremia. Depois todo o ruído cessou, à excepção do zumbido nos ouvidos de Eve e o arfar descontrolado de Peabody. O único movimento resumia-se ao bater acelerado do seu próprio coração.

Eve deixou-se ficar deitada mais um momento, garantindo a si mesma que ainda estava viva, que estava inteira. Na parte do corpo que entrara em contato com o cimento não sentia qualquer sensação de ardor. Após apalpar essa área, os seus dedos ficaram húmidos de sangue. Isso fê-la revoltar-se ao ponto de gritar por debaixo do carro.

— Raios partam, raios partam! Como o meu carro ficou.

O carro todo ele estava amolgado e queimado, o para-brisas era uma teia elaborada de fissuras. No tejadilho havia um orifício do tamanho de um punho.

Peabody arrastou-se, colocou-se de pé e tossiu devido ao fumo que empestava o ar. — Você também não está com muito bom aspeto.

— É apenas um arranhão — resmungou Eve e depois limpou os dedos ensanguentados nas suas calças estragadas.

— Não, eu referia-me ao todo.

De semblante carregado, Eve olhou para ela e depois semicerrou os olhos. Peabody tinha a cara negra, o que fazia ressair o branco dos olhos como luas. Perdera o chapéu e tinha o cabelo solto e desgrenhado.

Eve esfregou os dedos sobre a sua cara, estudou as pontas agora negras e praguejou. — Merda. Basta. Participa a ocorrência. Manda vir algumas unidades do controlo de multidões. Isto vai ficar cheio de gente quando as pessoas desta área começarem a sair de debaixo das camas. E pede...

Ouvindo o barulho de um carro, Eve virou-se, com uma mão na coronha da sua arma. Não sabia se estava aliviada ou aborrecida quando reconheceu o veículo que estacionou atrás do dela.

— Que raio fazes aqui? — perguntou ela quando Roarke saiu do carro.
— Podia perguntar-te o mesmo. Tem a perna a sangrar, Tenente.
— Não muito. — Esfregou uma mão sob o nariz. — Isto é o local de um crime, Roarke, e uma área perigosa. Vai-te embora.

Ele tirou um lenço do bolso e agachando-se examinou o corte antes de atar o pano sobre a ferida. — Tens de tratar isso. Está cheio de areia. — Levantando-se, Roarke passou uma mão pelo cabelo dela. — Que penteado interessante, curiosamente tem a ver contigo.

Eve reparou no sorriso trocista de Peabody pelo canto do olho, mas decidiu ignorar. — Não tenho tempo para ti, Roarke. Estou a trabalhar.

— Sim, já percebi. Mas acho que vais querer arranjar tempo. — Os olhos de Roarke estavam frios e inexpressivos ao perscrutar os escombros fumegantes. — Este edifício era meu.

— Porra. — Eve enfiou as mãos nos bolsos, afastou-se, regressou e voltou a afastar-se. — Porra —, repetiu ela e olhou para ele.

— Sabia que ias ficar toda contente. — Roarke tirou uma bolsa de discos do bolso e entregou-lha. Já copiara e guardara o disco. — Recebi isto esta manhã. É uma mensagem de texto de um grupo que se intitula Cassandra. Basicamente, chamam-me oportunista capitalista, o que obviamente é a mais pura das verdades, e afirmam que fui escolhido para a primeira amostra deles. Pelo meio há algum jargão político gasto e entediante. Redistribuição da riqueza, exploração dos pobres por parte dos ricos. Nada de muito original.

As palavras de Roarke podiam até ser informais, mas o tom era muito mais controlado. E Eve tinha noção disso. Sob aqueles olhos frios, borbulhava violência.

Ela lidou com aquilo da única forma que sabia, com agilidade profissional. — Preciso que vás até à Central para dar um depoimento detalhado. Tenho de ficar com isto como prova.

Eve parou consoante a violência nos olhos dele veio à superfície. Ninguém, pensou ela fugazmente, ninguém tinha um ar tão perigoso como Roarke quando lhe dava para ser gélido.

Abruptamente, afastou-se dela para andar por entre os tijolos fumegantes.

— Raios partam. — Impaciente, Eve passou uma mão pelo seu cabelo desordenado e olhou para Peabody.

— As unidades vêm a caminho, Dallas.

— Vai para o portão — ordenou Eve. — Fecha-o se for necessário.

— Sim, Tenente. — Com alguma compreensão, Peabody observou enquanto Eve foi ter com o marido para lidar com ele.

— Ouve, Roarke, sei que estás chateado. Não te censuro. Quando nos mandam um prédio pelos ares, temos o direito de ficar chateados.

— Pois claro que tenho. — Roarke voltou-se para ela, a fúria bem madura nos seus olhos. O facto de Eve quase ter recuado perante essa fúria, deixou-a mortificada e furiosa. Compensou inclinando-se para a frente até as botas dela baterem nos sapatos de Roarke.

— Isto é o local de um crime, porra, e não tenho nem tempo nem vontade de ficar aqui a consolar-te só porque um dos seis milhões de edifícios que possuis foi pelos ares. Lamento e compreendo que te sintas lixado e agredido, mas não descarregues em mim.

Roarke agarrou-lhe no braço e fê-la ficar em bicos de pés num movimento que certamente a deixaria fora de si. Se o imóvel dele não tivesse ficado reduzido a meio quarteirão de ruínas, era capaz de lhe ter afincado.

— Achas que é esse o problema? — perguntou ele. — Achas que o problema é a porcaria do armazém?

Eve tentou pensar apesar da irritação. — Sim.

Ele elevou-a mais dois centímetros. — És uma idiota.

— Eu sou idiota? *Eu* é que sou idiota? Tu és um paspalho se achas que vou ficar aqui a massajar-te o ego enquanto anda por aí alguém a explodir edifícios durante o meu turno. Portanto, larga-me antes que te imobilize.

— Estiveste quase a entrar?

— Não é isso... — Eve deteve-se, amansando consoante percebeu. Não fora por causa do edifício que ele ganhara aquele brilho cruel nos olhos. Fora por causa dela. — Não. — Disse Eve baixinho ao soltar os punhos. — Não, Roarke. Não me agradou o cenário. Só mandei a Peabody avisar a Central e pedir algumas unidades de reforço. Eu sei cuidar de mim.

— Sim. — Roarke tirou uma mão do braço dela para passar as pontas dos seus dedos sobre a face suja de Eve. — Nota-se. — Depois soltou-a por completo e recuou. — Vai tratar dessa perna. Encontramo-nos no teu gabinete.

Quando começou a afastar-se, Eve enfiou as mãos nos bolsos e tirou-as. Revirou os olhos. Raios, ela realmente sabia cuidar de si. Só nem sempre sabia como lidar com ele. — Roarke.

Ele parou e olhou para trás. E quase sorriu quando reparou no dilema óbvio entre dever e coração espelhado na cara dela. Olhando para o outro lado para se certificar de que Peabody estava discretamente voltada de costas, foi ter com ele e levou uma mão à face de Roarke.

— Desculpa. Também estava um pouco irritada. É o que dá ver um edifício explodir mesmo à minha frente. — Quando Eve ouviu as sirenes que se aproximavam, deixou cair as mãos e fez uma expressão carrancuda. — Nada de beijos em frente dos agentes.

Agora ele sorria. — Querida, nada de beijos enquanto não lavares a cara. Encontramo-nos no teu gabinete —, repetiu ele para depois se afastar.

— Espera umas duas horas —, gritou ela. — Vou estar aqui pelo menos durante esse tempo.

— Está bem. — Roarke parou junto ao carro dela, inclinando a cabeça ao analisá-lo. — Na verdade, o carro agora parece mais teu.

— Vai-te lixar —, disse ela rindo-se e depois colocou a sua expressão oficial para a Brigada de Minas e Armadilhas.

Quando Eve regressou à Central de Polícia, foi tomar banho para tirar o fedor e sujidade. Lembrou-se do corte na perna quando a água quente lho fez arder. Cerrando os dentes, limpou ela mesma o ferimento, foi buscar um conjunto de primeiros socorros e foi tratar disso. Já tinha visto os peritos médicos mexerem tantas vezes no corpo dela que se achava capaz de tratar alguns golpes.

Satisfeita, rebuscou nos seus cacifos a muda de roupa e disse para si mesma que tinha de trazer mais. A roupa que trazia vestida foi diretamente para a reciclagem, inutilizada como estava.

Deu com Roarke no seu gabinete, numa conversa agradável com Nadine Furst do Canal 75.

— Desapareça, Nadine.

— Ora, Dallas, uma agente quase vai pelos ares quando o edifício do seu marido é destruído por um desconhecido ou desconhecidos, isso é notícia. — Presenteou Eve com um dos seus bonitos sorrisos felinos, mas nos seus olhos via-se preocupação. — Está bem?

— Estou ótima e não fui quase pelos ares. Estava bem longe do edifício quando se deu a explosão. De momento não tenho qualquer declaração oficial para fazer.

Nadine limitou-se a cruzar as pernas para o outro lado. — O que fazia no edifício?

— Talvez estivesse de olho nos bens do meu marido.

Nadine fungou e conseguiu emitir o som de forma senhoril. — Sim e se calhar decidiu reformar-se e criar cachorrinhos. Conte lá alguma coisa, Dallas.

— O edifício estava abandonado. Eu sou agente da Brigada de Homicídios. Não houve qualquer homicídio. Sugiro que se dirija à Brigada de Minas e Armadilhas.

Os olhos de Nadine semicerraram-se. — Não está a investigar o caso?

— Porque haveria de investigar? Não morreu ninguém. Mas se não sair da minha cadeira, é possível que alguém morra.

— Está bem, está bem. — Encolhendo os ombros, Nadine levantou-se. — Vou dar a volta aos rapazes da Brigada de M&A. Ontem vi o vídeo da Mavis. Ela estava fantástica. Quando é que regressa?

— Para a semana.

— Vamos organizar-lhe uma festa de boas-vindas —, afirmou Roarke. — Depois informo-a dos detalhes.

— Obrigada. Você é muito mais simpático do que a Dallas. — Com um sorriso convencido, Nadine saiu.

— Vou lembrar-me desta piada na próxima vez que ela quiser uma entrevista —, resmungou Eve para depois fechar a porta.

— O que lhe ocultaste? — perguntou Roarke.

Eve deixou-se cair na sua cadeira. — A Brigada de Minas e Arma-dilhas vai levar algum tempo a passar o local a pente fino. Nesta altura, recolheram algumas provas e suspeitam de que havia pelo menos seis dispositivos explosivos, provavelmente com cronómetro. Só terei um relatório coeso daqui a alguns dias.

— Mas a investigação é tua.

— Neste momento, parece que a explosão está ligada a um homicídio que estou a investigar. — Agora o caso do Arranjas estava nas suas mãos. Conseguira-o. — As pessoas responsáveis por ambos os crimes contataram-me. Tenho uma reunião em breve com o Whitney, mas até ele dar ordem em contrário, a investigação é minha. Alguma vez chegaste a ter contato com o Arranjas?

Roarke esticou as pernas. — Isso é uma pergunta oficial?

— Merda. — Eve fechou os olhos. — Isso quer dizer que contactaste.

— Ele tinha mãos mágicas —, disse Roarke examinando as suas.

— Estou a ficar sinceramente cansada de ouvir isso de pessoas que já deviam ter juízo. Conta tudo.

— Foi há cinco, talvez seis anos atrás. Ele fez-me um pequeno dispositivo. Uma sonda de segurança, um descodificador muito bem pensado.

— Que eu deduzo tenhas sido tu a conceber.

— Sim, no essencial, ainda que o Arranjas tenha dado algumas sugestões interessantes. Era brilhante com eletrónica, mas não era completamente fiável. — Roarke tirou um bocado de cotão solto das suas calças cinza. — Decidi que não seria sensato voltar a recorrer aos serviços dele.

— Então não foi nada recente.

— Não e ficámos amigos. Não tenho qualquer ligação a ele que te deva preocupar ou que possa complicar a tua investigação, Eve.

— E o armazém? Há quanto tempo é teu?

— Há cerca de três meses. Já te digo a data precisa e os detalhes da compra. Foi adquirido para ser renovado. Como as licenças acabaram de chegar, o trabalho iria começar na semana que vem.

— Ia ser transformado em quê?

— Unidades de habitação. Também comprei os edifícios contíguos e

fiz uma oferta por outro nesse área. Também serão restaurados. Mercados, lojas, cafés. Alguns escritórios.

— Aquele setor comporta esse tipo de investimento?

— Acredito que irá comportar.

Eve abanou a cabeça, pensando no nível de vida e crime de rua da zona. — Tu percebes mais disso do que eu, deduzo. O edifício tinha seguro?

— Sim, nesta altura num valor um pouco superior ao da aquisição. O projeto vale muito mais para mim. — Para Roarke era muito importante conferir valor àquilo que havia sido negligenciado, desdenhado. — O edifício era velho, mas seguro. O problema do progresso é que por vezes é implacável, destrói em vez de respeitar o que outros construíram antes de nós.

Eve sabia que Roarke gostava de coisas antigas, mas neste caso não estava bem a ver o propósito. Vira pouco mais do que um monte de tijolos e isso foi antes de ele ter explodido.

Mas o dinheiro era dele, pensou ela encolhendo os ombros. E o tempo também.

— Conheces alguém chamado Cassandra?

Agora Roarke sorriu. — Certamente devo conhecer. Mas duvido sinceramente que isto seja obra de alguma ex-amante ciumenta.

— A algum lado tiveram de ir buscar o nome.

Ele mexeu os ombros. — Talvez aos gregos.

— O Bairro Grego fica bem longe desse setor.

Por um momento, Roarke limitou-se a olhar para ela e depois riu-se. — Referia-me à Grécia Antiga, Tenente. Na mitologia, Cassandra previa o futuro, mas ninguém acreditava nela. Alertava para a morte e destruição, mas era ignorada. As suas previsões concretizavam-se sempre.

— Como é que sabes estas merdas todas? — Ela descartou a pergunta com um gesto antes que ele pudesse responder. — E então, o que prevê esta Cassandra?

— Segundo o meu disco, a sublevação das massas, a queda de governos corruptos – que é uma daquelas redundâncias irritantes – e a queda da classe alta gananciosa. Da qual eu faço parte, com muito orgulho.

— Revolução? Matar um velhote e explodir um armazém vazio é uma forma muito mesquinha de se insurgirem. — Mas Eve não colocou de parte a possibilidade de terrorismo político. — O Feeney está a analisar a unidade do escritório do Arranjas. Tinha uma função de segurança, mas ele consegue dar-lhe a volta.

— E eles não conseguiram porquê?

— Se tivessem alguém suficientemente bom para entrar naquela fortaleza, não teriam recorrido ao Arranjas.

Roarke ponderou e depois acenou com a cabeça. — Bem visto. Precisas de mim para mais alguma coisa?

— Agora não. Vou manter-te a par da investigação. Se deres uma conferência de imprensa, revela o mínimo possível.

— Está bem. Já foste tratar da perna?

— Eu mesma tratei o ferimento.

Roarke ergueu a sobrancelha. — Deixa-me ver.

Instintivamente, Eve enfiou as pernas debaixo da secretária. — Não.

Ele limitou-se a levantar-se, aproximando-se para se debruçar e puxar a perna de Eve para cima. Perante o protesto nervoso de Eve, ele agarrou-a com mais força e puxou-lhe as calças para cima.

— Estás louco? Para com isso. — Morta de vergonha, esticou o braço para fechar a porta com força. — Pode entrar alguém.

— Então para de te mexer —, sugeriu ele e delicadamente puxou o penso. Acenou com a cabeça em sinal de aprovação. — Fizeste um trabalho razoável. — Apesar de Eve estar danada, ele baixou a cabeça e levou os lábios ao golpe na sua perna. — Já passou —, disse ele com um sorriso, abrindo-se a porta logo de seguida.

Peabody ficou a olhar de boca aberta, corou e depois disse atabalhoadamente — Peço desculpa.

— Estava de saída —, disse Roarke, voltando a colocar o penso enquanto Eve rangia os dentes. — Como sobreviveste à agitação desta manhã, Peabody?

— Bem, foi... Na verdade, fiquei bem. — Peabody pigarreou a garganta e lançou-lhe um olhar esperançoso. — Fiz só este arranhão pequenino. — Esfregou o dedo na linha do maxilar, o coração a bater agradavelmente quando ele sorriu para ela.

— Pois fizeste. — Aproximou-se dela, inclinou a cabeça e tocou o pequeno corte com os seus lábios. — Cuida-te.

— Valha-me Deus —, foi o melhor que ela conseguiu dizer quando ele saiu. — Que boca linda que ele tem. Como é que se contém para não lha morder?

— Limpa a baba, sinceramente. E senta-te. Temos de elaborar um relatório para o Comandante.

— Eu ia indo pelos ares e fui beijada pelo Roarke, tudo na mesma manhã. Vou anotar no meu calendário.

— Sossega.

— Sim, Tenente. — Peabody tirou o seu registo e começou a trabalhar. Mas com um sorriso na cara.

O Comandante Whitney era uma figura imponente atrás da sua secretária. Era um homem encorpado, de ombros grandes e cara larga. Na testa tinha

rugos profundas que a esposa o atazanava para ir tirar. Mas este sabia que essas rugas simbolizavam a autoridade e poder perante os seus agentes. Não tinha qualquer hesitação em sacrificar a vaidade em troca de resultados.

Convocara os principais responsáveis das unidades necessárias. A Tenente Anne Malloy de M&A, Feeney da DIE e Eve. Ouviu os relatórios, dissecou, calculou.

— Mesmo usando três turnos —, continuou Anne — prevejo pelo menos trinta e seis horas até terminarmos a análise do local. Os fragmentos que estão a chegar indicam vários dispositivos, com explosivos *plaston* e cronómetros complexos. Isso quer dizer que o serviço foi caro e sofisticado. Não estamos a lidar com vândalos nem com um grupo dissidente. O mais provável é que seja uma operação bem organizada e financiada.

— E qual é a probabilidade de identificar a origem dos fragmentos?

Ela hesitou. Anne Malloy era uma mulher pequena com uma cara bonita, cor de caramelo, e olhos largos de um verde sereno. Trazia o cabelo louro num rabo-de-cavalo saltitante e tinha fama de ser alegre e destemida.

— Não quero fazer promessas que não possa cumprir, Comandante. Mas se houver alguma coisa a identificar, nós identificaremos. Primeiro temos de juntar as peças.

— Capitão? — Whitney concentrou a sua atenção em Feeney.

— Já cheguei aos últimos níveis da unidade do Arranjas. Já a terei decodificado no final do dia. Ele usou um labirinto, mas estamos a conseguir ultrapassá-lo e teremos acesso a quaisquer dados que lá estejam. Tenho alguns dos meus melhores técnicos a analisar o equipamento na loja dele neste momento. Se ele esteve associado à explosão desta manhã, nós encontraremos a ligação.

— Tenente Dallas, segundo o seu relatório, o sujeito nunca esteve ligado a qualquer grupo político nem envolvido em qualquer atividade terrorista.

— Não, Comandante. Era um tipo solitário. Grande parte da sua atividade criminosa estava relacionada com furtos, decodificação de segurança, pequenos explosivos usados nessas áreas. Após as Guerras Urbanas, reformou-se do Exército. Dizem que terá ficado desiludido com os militares, com o governo, com as pessoas em geral. Estabeleceu-se como criador eletrónico por conta própria, com a loja de concertos como fachada. Na minha opinião, foi por essas mesmas razões que assim que descobriu que não fora contratado para explodir um banco, mas para fazer parte de algo muito maior, este entrou em pânico, tentou desaparecer e foi morto.

— Então temos um perito eletrónico morto que pode ou não ter gravado dados das suas atividades, um grupo até agora desconhecido com propósitos por determinar e um edifício privado que foi destruído com

explosivos suficientes para espalhar destroços numa área superior a dois quarteirões.

O Comandante recostou-se e entrelaçou as mãos. — Cada um de vocês vai investigar a vossa área de especialidade, mas quero coordenar todos os esforços. Há que partilhar os dados. Foi-nos dito que o sucedido esta manhã foi apenas uma amostra. Para a próxima podem não escolher um edifício desabitado numa área pouco populada. Quero isto resolvido antes que, para além de fragmentos de explosivos, tenhamos de recolher bocados de civis no meio dos escombros. Quero relatórios de progresso até ao final do turno.

— Comandante. — Eve deu um passo em frente. — Gostaria de levar cópias de ambos os discos e de cada relatório para a Dra. Mira analisar. Precisamos de um perfil mais detalhado do tipo de pessoas com quem estamos a lidar.

— Com certeza. Aos meios de comunicação social só diremos que esta explosão foi um ato deliberado e está a ser investigado. Não quero fugas em relação aos discos ou à possível ligação a um homicídio. Sejam céleres —, ordenou ele para depois os dispensar.

— Normalmente —, disse Anne quando os três desciam o corredor — eu fazia braço-de-ferro contigo, Dallas, para ser a inspetora principal deste projeto.

Eve deslizou o olhar para o lado, avaliou a pequena estrutura de Anne e fungou. — Eu magoava-te, Malloy.

— Calma, eu sou pequena, mas sou rija. — Dobrou o braço, contraindo os bíceps. — Neste caso, contudo, atiraram-te primeiro a bola e estes palermas contataram-te pessoalmente. De modo que te dou prioridade. — Como que num gesto simbólico, deu passagem a Eve para entrar primeiro no desliza e depois piscou o olho a Feeney e entrou.

— Tenho alguns dos meus melhores agentes no local —, continuou ela. — Contornei o orçamento para os ter lá a tempo inteiro, mas o pessoal do laboratório não faz tantas horas extraordinárias. Identificar e rastrear tantos bocados e pedaços após uma explosão demora tempo. Implica mão-de-obra. Implica muita sorte, merda.

— Vamos coordenar o que encontrarem com o que a minha equipa descobrir na loja do Arranjas, pode ser que tenhamos sorte —, disse Feeney. — Pode ser que tenhamos mais sorte ainda e esta unidade rígida tenha nomes, datas e moradas.

— Se tivermos sorte, ótimo, mas não vou contar com ela. — Eve enfiou as mãos nos bolsos. — Caso se trate de um grupo bem financiado e organizado, o Arranjas não se teria juntado a eles, mas também não teria fugido. Não enquanto eles lhe pagassem. Ele fugiu porque estava assustado.

Vou contatar novamente o Ratsó, talvez ele tenha ocultado alguma informação. Arlington diz-te alguma coisa, Feeney?

Ele começou a encolher os ombros, mas Anne meteu uma mão entre eles os dois e agarrou no braço de Eve. — Arlington? Qual é o papel disso no caso?

— O Arranjas disse ao meu informador que tinha medo que acontecesse outro Arlington. — Ela olhou fixamente para os olhos perturbados de Anne. — Diz-te alguma coisa?

— Sim, claro que diz. Diz a qualquer agente de M&A. 25 de Setembro de 2023. As Guerras Urbanas já tinham acabado. Havia um grupo radical, terroristas que cometeram homicídios, sabotagens e colocaram explosivos. Matavam qualquer pessoa por um preço e justificavam-no com a revolução. Designavam-se Apolo.

— Merda —, soltou Feeney quando o nome fez luz na sua cabeça. — Virgem Santíssima.

— O que foi? — Frustrada, Eve deu um abanão rápido a Anne. — História não é o meu forte. Dá-me uma lição.

— Eles assumiram responsabilidade pela explosão do Pentágono. Arlington, no estado da Virgínia. Usaram o que na altura era um material novo, designado *plaston*. Aplicaram tanta quantidade de explosivos e em áreas tão estratégicas, que o edifício ficou reduzido a pó.

— Oito mil pessoas, pessoal militar e civil, incluindo crianças na creche. Não sobreviveu ninguém.